

O CARÁTER

REGRESSIVO

DO CAPITALISMO
CONTEMPORÂNEO

PEDRO HENRIQUE M. QUEIROZ

apoena
COLEÇÃO

UECE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

REITOR

Hidelbrando dos Santos Soares

VICE-REITOR

Dárcio Ítalo Alves Teixeira

EDITORA DA UECE

Cleudene de Oliveira Aragão

CONSELHO EDITORIAL

Antônio Luciano Pontes	Lucili Grangeiro Cortez
Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes	Luiz Cruz Lima
Emanuel Ângelo da Rocha Fragoso	Manfredo Ramos
Francisco Horácio da Silva Frota	Marcelo Gurgel Carlos da Silva
Francisco Josênio Camelo Parente	Marcony Silva Cunha
Gisafran Nazareno Mota Jucá	Maria do Socorro Ferreira Osterne
José Ferreira Nunes	Maria Salete Bessa Jorge
Liduina Farias Almeida da Costa	Silvia Maria Nóbrega-Therrien

CONSELHO CONSULTIVO

Antônio Torres Montenegro UFPE	Maria do Socorro Silva Aragão UFC
Eliane P. Zamith Brito FGV	Maria Lírida Callou de Araújo e Mendonça UNIFOR
Homero Santiago USP	Pierre Salama Universidade de Paris VIII
Ieda Maria Alves USP	Romeu Gomes FIOCRUZ
Manuel Domingos Neto UFF	Túlio Batista Franco UFF

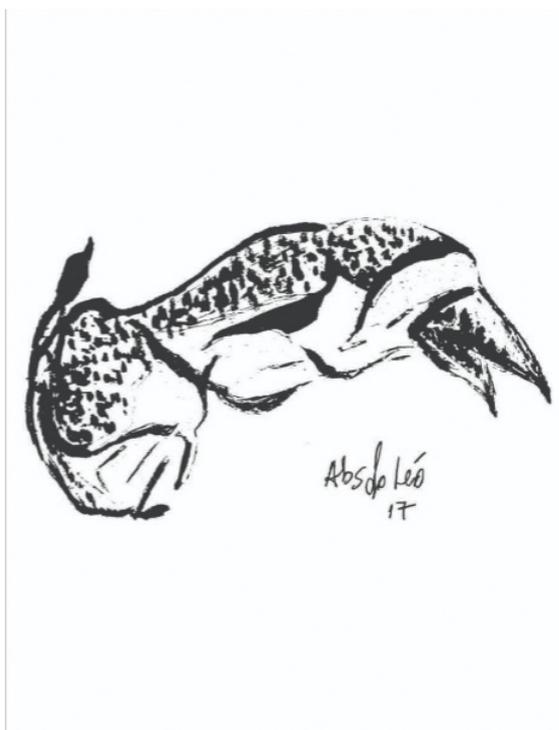
COLEÇÃO APOENA

COMISSÃO EDITORIAL

Antônio Rogério Moreira	José Henrique A. de Azevedo
Átila B. Monteiro	Leonel Olímpio
Daniel F. Carvalho	Luana Mara Diogo
Fabien P. Lins	Paulo Marcelo S. Brito
Gustavo A. Ferreira	William Mendes Damasceno

CONSELHO EDITORIAL

Ernani Chaves (UFPA)	Luiz Orlandi (UNICAMP)
Ivan Maia de Mello (UFBA)	Miguel Angel de Barrenechea (UNIRIO)
Jair Barboza (UFSC)	Peter Pál Pelbart (PUC-SP)
Jarlee Salviano (UFBA)	Roberto Machado (UFRJ)
José Olímpio Pimenta Neto (UFOP)	Rosa Maria Dias (UERJ)
Leandro Chevitaresh (UFRRJ)	Sylvio Gadelha (UFC)
Luiz Felipe Sahd (UFC)	Vilmar Debona (UFSM)



O CARÁTER

REGRESSIVO

DO CAPITALISMO
CONTEMPORÂNEO

PEDRO HENRIQUE M. QUEIROZ

1ª Edição
Fortaleza - CE
2021

apoena
coleção

Ed
UECE

O CARÁTER REGRESSIVO DO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO: CRISE DE VALORIZAÇÃO DO CAPITAL, GUERRA CIVIL COSMOPOLITA E EXPECTATIVAS EM DECLÍNIO

© 2021 *Copyright by* Pedro Henrique Magalhães Queiroz

O conteúdo deste livro, bem como os dados usados e sua fidedignidade, são de responsabilidade exclusiva do autor. O download e o compartilhamento da obra são autorizados desde que sejam atribuídos créditos ao autor. Além disso, é vedada a alteração de qualquer forma e/ou utilizá-la para fins comerciais.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE
Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – Campus do Itaperi – Reitoria – Fortaleza – Ceará
CEP: 60714-903 – Tel: (085) 3101-9893
www.uece.br/eduece – E-mail: eduece@uece.br

Editora filiada à



Coordenação Editorial
Cleudene de Oliveira Aragão

Capa
Leonardo do Nascimento Gomes

Diagramação
Narcelio Lopes

Revisão de Texto
O autor

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Queiroz, Pedro Henrique Magalhães
O caráter regressivo do capitalismo contemporâneo
[livro eletrônico] : crise de valorização do capital,
guerra civil cosmopolita e expectativas em declínio /
Pedro Henrique Magalhães Queiroz. -- 1. ed. --
Fortaleza, CE : Editora da UECE, 2021. --
(Coleção Apoena)

ISBN 978-65-86445-94-7

1. Capitalismo 2. Caráter 3. Filosofia I. Título
II. Série.

21-73263

CDD-100

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia 100

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

“Todo escritor, Narciso, se masturba, defendendo seu nome, o Ocidente o encheu de orgulho solitário. Quem sou eu frente a povos que lutam pelo sal e pela vida, com que direito hei de encher mais páginas com negação e opiniões pessoais?”

(Mario Goloboff)

“A teoria do luto, tal como ela se ia delineando enquanto contraponto para a da tragédia, só pode, por isso, ser desenvolvida através da descrição daquele mundo que se abre diante do olhar do melancólico. Pois os sentimentos, por mais vagos que possam parecer à autopercepção, respondem como um reflexo motor à estrutura objetiva do mundo. Se as leis do drama trágico lutuoso [drama barroco] se encontram no âmago do próprio luto, em parte explícitas, em parte implícitas, a sua apresentação não se destina ao estado afetivo do poeta nem ao do público, mas antes a um sentir dissociado do sujeito empírico e intimamente ligado à plenitude de um objeto”.

(Walter Benjamin)

PREFÁCIO

Uma certa narrativa, em tempos idos, nos contava que quanto mais extensa e capilar uma crise, mais tateante e insegura a sua crítica e, inversamente, uma crise muito inflamada, mas bem situada, mais tranquila a cirurgia crítica. Gosto de pensar que caminho ao lado dos que escutaram, séria e serenamente, esta estória antiga. Não sei bem, mas tenho uma certa convicção de que o Pedro não anda muito distante destas terras, desta memória. Crise, catástrofe, refluxo, emergência, guerra, noções-estrela de uma *constelação* para a qual Pedro aponta as lentes e espelhos de seus telescópios, buscando rabiscar *imagens-ideia* que expressem os contornos de nosso tempo presente, em que o capitalismo financeiro mostra o potencial regressivo do capitalismo *tout court*, objetivado numa crise difusa mas permanente, bem como em uma guerra global, assimétrica e civil, sem trégua e sem termo. Quando o pós-apocalipse antecipa-se à catástrofe cosmopolita, ou quando a contrainsurgência, apressada, antecede e bloqueia a insurgência/revolução, então: redenção ou reconciliação? Regressão, refluxo, catástrofe, niilismo, guerra... Redenção ou reconciliação? Regressão... É neste cenário de escatologia cotidiana e de emergência perpétua, em que a gestão militarizada da barbárie rouba tanto a cena quanto o texto da luta de classes, que Pedro abre a fórceps suas veredas e captura um fragmento de sol que ilumina, a largas e rápidas pinceladas nossa contemporaneidade.

Não são muitos os convidados à esta ceia sem senhor: Benjamin, de fio a pavio, com sua constelação-imagem-ideia, sua pegada histórica redentora, em que a regressão, refluxo arcaico-moderno dá o tom da prosa; o velho Marx dos Livros I e III de *O capital*, fetichismo e declínio da taxa de lucro, dos *Grundrisse*, do chamado *Fragmento da maquinaria*, de autofagia walking dead, em que o trabalho morto devora o vivo; Kurz, o do colapso e o do *Dinheiro sem valor*; Paulo Arantes, o da *Extinção* e o do fim permanente do mundo em ponto morto de um novo tempo. Sempre, claro, vários outros aparecem quando o baticum começa a troar. De Adorno a Jappe, de Hegel a Debord, de Clausewitz a Chamayou, a festa é animada, muita *anima* mas nenhuma visagem; aqui, até os mortos são não-vivos, mas não estão mortos. Trabalho mais de Sísifo que de Hércules, pois trata-se ainda de mostrar como, da guerra como política por outros meios, passando pela inversão da política como a guerra por outros meios, chegamos à guerra como a concorrência capitalista por outros meios.

Uma conversa fiada, portanto. Fiada a poucas mãos, mas fiada. No “começo”, o verbo cair: a primeira queda do céu. “Depois”, o produzir: a produção política do inimigo, que pode ser qualquer um, um indivíduo mesmo, externo ou interno, tudo vale, contanto que se conquiste e se exerça o monopólio mundial da violência, uma espécie de entropia global, um caldeirão infernal em que se sacrificam todos os atrasados para o banquete do senhor, desta vez sem corpo e sem sangue, mas eis que regressa, perversamente, com o retorno do arcaico; pois é, os alemães perderam a guerra de

1914 a 1945, mas o fascismo, este, parece não ter caído, com a derrocada daqueles.

Adeus taylorismo, fordismo, toyotismo, ou melhor, retorno perverso de todos os recalçados no walmartismo, uberismo, pejotismo. Instaurou-se o que Pedro chama, com outros, uma lógica do sacrifício em que as relações entre as mercadorias leva à ciência/técnica, de força de produção, a demandar para sua satisfação a queima de matéria-humana-prima, para o funcionamento da máquina sem sujeito e sem vontade, sem sentido e sem valor, que aprendemos a chamar de capital. Do homem lobo do homem, fase “lúdica” em que festejamos a primeira queda do céu, chegamos ao *homem homem do homem*, expressa na voracidade faminta do mais gozar.

Na primeira queda, nós, recém-modernos, perguntávamos a nós mesmos por que, voluntariamente, havíamos nos tornados e permanecemos servos. É que éramos “felizes”! Hoje, adoraríamos ser explorados mas, infelizmente, isto custaria caro ao capital financeiro e, assim, passamos da servidão voluntária à servidão privilegiada! Bem-vindos à servidão do senhor! Mais fácil um rico chegar ao céu que um pobre conseguir um emprego.

Daquela primeira queda, cujo estrondo foi o quase extermínio dos povos originários não europeus, Pedro nos diagnostica os sintomas: niilismo, narcisismo e melancolia. Para isso, traça um paralelo entre o “entre” guerras (1918-1939) e as duas primeiras décadas do XXI: do refluxo do iluminismo universalista ocidental mais a crise de 1929 mais nazifascismo, ao refluxo da sociedade cosmopolita unida e

integrada pelo mercado mundial de mercadorias (a partir do final dos 1970) mais Bush pai, mais Bushin com suas guerras de ocupação, guerra ao narcotráfico e ao terror, mais debacle de 2008. Tudo isso, tese forte, demandaria antes uma *crítica da economia política da guerra* que, propriamente, uma *biopolítica*, na medida em que seriam impossíveis. Novamente, Pedro convoca seus intercessores: Benjamin, Marx, Kurz e Arantes.

Bem, e como todo Estado é paranoico, expressão político-econômica de delírios neuróticos, uma certa psicose do neurótico, então, tudo de novo, agora na chave crítica da *crise da pulsão econômica*. No seio leitoso do *cortejo triunfal dos vencedores*, Pedro faz evoluir, na ala da *tradição dos oprimidos*: o neolítico, Quincas Borba, uma certa escatologia barroca ou um barroco escatológico e uma noção de decadência, que enlaça *catástrofe natural e escatologia histórica*. Sim, é vertiginoso mesmo, e, inesperadamente, bem humorado. Mas a ciranda continua girando, pois aquela decadência tem expressão teológica, psicológica, econômica, social, histórica; e eis que aprendemos que quando se trata de nossa entropia, são *várias as figuras da queda*, um retorno regressivo que já não se diz do passado, mas do progresso ou de sua ideia; *retorno da natureza na história, do mito na história*.

Seja como for, más abajo que *Un poquito más abajo*, não sem antes vagabundearmos pelo *Golpe e 18 Brumário* e nos rendermos aos *Últimos combates e ao Estado de emergência à brasileira*, gostaria de apontar para dois, pelo menos, desafios para quem pretender continuar nessa toada pedriana: como pensar o diagnóstico apresentado pelo Pedro em

terra brasilis, bem como na América Latina, ou seja, no sul global; ainda, como compreender a deglutição autofágica do trabalho vivo pelo morto em tempos digitais, das TICs, sobretudo no setor de serviços, onde a porca torce o rabo... Pedro perambula pelo Brasil de Vargas a nós, de alguma forma, mas parece pouco, fiquei com fome. Quanto à segunda seara, bem, seria outro trabalho, mas o fato é que o come-come do morto-vivo-morto joga um jogo de vida ou morte na era da informação e, há um intenso e, por que não, esperançoso debate acerca do processo de produção e valorização do valor no capitalismo na era comunicacional, em que, justamente, os serviços desempenham um papel central. Quem sabe, talvez Ricardo Antunes apareça na próxima festa, ao lado de Paulo Arantes e Robert Kurz. Bem, Benjamin e Marx já estarão lá mesmo, afinal, o furdunço é no barraco, é na laje deles.

Ruy de Carvalho

Outubro, 2019

Sumário



PREFÁCIO	6
INTRODUÇÃO: ENTRE A CRÍTICA E O NIILISMO	13
1 CONSTELAÇÃO HISTÓRICA DE CRISE.....	20
2 CAVALEIROS DO APOCALIPSE.....	41
2.1 Pulsão econômica de crise.....	41
2.1.1 Prólogo. No princípio era... ..	41
2.1.2 Desenvolvimento histórico da contradição interna do capital..	45
3 RETORNO DO LEVIATÃ.....	51
3.2.1 Prelúdio tupiniquim	52
3.2.2 Pacto entre Hydra e Leviatã	55
4 PONTOS LUMINOSOS – MOSCAS VOLANTES.....	65
4.1 Contexto histórico e referências	65
4.2 Benjamin, o mago; Arantes, o sismógrafo do tempo da emergência.....	66
4.3 Tempo da emergência.....	68
4.4 Crise da pulsão econômica.....	70
4.5 Subjetividade	72
4.6 Teoria social crítica e método	74

4.7 Un poquito más abajo.....	80
4.8 Golpe e 18 Brumário	90
4.9 Últimos combates	93
4.10 Estado de emergência à brasileira.....	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS	102
APÊNDICE	106
APÓS A CORRIDA DO OURO.....	106

INTRODUÇÃO: ENTRE A CRÍTICA E O NIILISMO¹

“(olhar fixo, voz neutra) Acabou, está acabado, quase acabando, deve estar quase acabando. (Pausa)”.

(BECKETT, Fim de partida).

[*In girum*]²

A certa altura da estrada da busca pela verdadeira vida, uma melancolia nos toma de assalto o céu. É como se uma noite escura na época e no coração das expectativas dos indivíduos fosse alcançada ao soar das trombetas nos instantes posteriores à abertura do sétimo selo pelo Cordeiro, aquele da profecia de João – não o profeta que batizou o messias crístico, Jesus, mas aquele que anteviu a imagem do fim, o que teve a revelação: “E havendo aberto o sétimo selo, fez-se silêncio no céu quase por meia hora.”³

A videira da vida já não está bêbada, mas de ressaca, algo lhe dói cronicamente, uma dor que permanece como sombra, que não larga como o encalço da morte que de tempo – que de resto – nos dá apenas a duração de uma partida de xadrez, à qual nunca venceremos, mas que talvez possa-

- 1 E um método entre Adorno e Benjamin: “O procedimento não é fundamentado, mas justificado” (ADORNO, *Dialética negativa*, [Prefácio], p. 7); “Não tenho nada a dizer, somente a mostrar” (BENJAMIN, *Passagens*, [N 1a, 8], p. 502). – “Moro numa rua onde na esquina sentei-me com os homens de vida vã, e bebi de sua bebida; onde, do outro lado da avenida que a corta, talvez por ironia, conheci os que declararam guerra a esta sociedade, quando julguei-me um dos seus; no bairro onde fiz arder minha juventude vagueando entre o niilismo e a crítica” (fragmento de juventude).
- 2 Alusão ao último “filme” de Guy Debord: *In girum imus et nocte consumimur igni* (Movemo-nos na noite sem saída e somos devorados pelo fogo), de 1978. Seu tom melancólico pode ser resumido na seguinte passagem: “Quando a poeira baixa, muitas coisas parecem mudadas. Uma era passou”.
- 3 BÍBLIA, *O apocalipse segundo São João*, 8:1. Passagem de abertura do filme *O sétimo selo* (1956), de Ingmar Bergman.

mos prolongar, ou dar-lhe ao menos uma batalha à altura; talvez a culpa tenha se tornado nossa irmã, fiel escudeira que, no entanto, nos maltrata como uma mãe do tipo Medeia, mesmo aquela do interior do Ceará, que resolve matar sua prole por ciúmes de um marido indiferente.

A vida é esse jogo de feroz combate e triste melancolia, de desencanto agudo e inquebrantável fé, de angústia viral e sublime alegria, um jogo lutuoso e lúdico, como na arte barroca, uma espécie de paradoxo incontornável, uma dialética de finitude corpórea e infinitude das expectativas, do sonho, da imaginação, em meio a uma guerra com poucos instantes de trégua, algum tempo para o reencontro até que se chegue o momento da batalha decisiva, à qual não nos é permitido, ou mesmo possível, desertar – que é o mesmo de ir ao encontro da solidão.

Talvez essa melancolia queira fazer jus a algum projeto perdido na batalha do tempo, aquele que vai de encontro ao quíprocó⁴ de sua época, e quer-lhe fazer justiça trazendo-o à memória, ou retomando dele o que pode ser ainda útil ao momento presente: I) alguma desconfiança com relação ao sujeito, aquela máscara de caráter social, tão universal quanto imprópria a nosso rosto, como uma máscara de ferro, e algum apelo à individualidade, às qualidades concretas e sensíveis de cada um; apelo não ao individualismo, ao egocentrismo ou ao narcisismo tão próprios à época, mas àquilo que resta em cada um quando se despe daquilo que o mundo lhe fez, quando resolve fazer algo em relação a isso que lhe fizeram, quando

4 “O caráter misterioso da forma-mercadoria consiste, portanto, simplesmente em que ela apresenta aos homens as características sociais do seu próprio trabalho como se fossem características objetivas dos próprios produtos do trabalho, como se fossem propriedades sociais inerentes a essas coisas; e, portanto, reflete também a relação social dos produtores com o trabalho global como se fosse uma relação social de coisas existentes para além deles. É por este *quíproquo* que esses produtos se convertem em mercadorias, coisas a um tempo sensíveis e suprassensíveis (isto é, coisas sociais)” (MARX, *O capital*, [O fetichismo da mercadoria: seu segredo], p. 94). – Nos quatro tópicos seguintes faz-se, implicitamente, referência a quatro boletins intitulados *O Anti-Quíproco*.

recusa a máscara⁵; II) alguma possível retomada dos artefatos técnicos e culturais⁶, as ruínas da matéria sensível e inteligível forjada pela experiência dos povos, suas expressões e danças e saberes, sua medicina, cosmologia e cultivo, como elemento potencializador diante do espetáculo do fim do mundo no qual somos ao mesmo tempo atores e plateia; essa retomada dos artefatos do passado vem reencontrar-se com a técnica moderna em uma espécie de humanismo da natureza e naturalismo do “homem”, vem rearticular o antigo e o novo, o moderno e o arcaico de um modo não reificado; III) a certeza da impossibilidade de desviar-se do conflito, da guerra, mas sobretudo uma desconfiança severa de que algum dia a paz dos povos seja alcançada mediante violência, força, imposição, tendo em vista *los desastres de la guerra*, como nas pinturas do espanhol Francisco Goya, sobretudo diante de uma guerra cada vez menos entre “homens” e mais entre máquinas e mercadorias – o espetáculo é o canto épico desse triunfo⁷; e, enfim, IV) um permanente incômodo, quase gastura, com o alarme de emergência que soa sessenta vezes a cada minuto, e uma busca também permanente por alguma saída não emergencial, algum resto que redima, alguma sobra que esteja em falta.

5 “A realização real do indivíduo (...) passa forçosamente pela soberania coletiva do mundo; antes dela não existem ainda indivíduos, apenas sombras percorrendo as coisas que caoticamente lhes são transmitidas por outros” (SITUACIONISTA, *Antologia*, [Questões preliminares à construção duma situação], p. 25).

6 “(...) tábula rasa desde já, a saber, da lógica subjetiva baseada na lógica do valor e da cisão (bem como do momento da consciência simplesmente desagregado e, como tal, reduzido e de conotação feminina); tábula rasa, por conseguinte, da universalidade abstrata ou da abstração realista que violenta a existência, assim como, em geral, da forma inerente a uma relação fetichista. Em contrapartida, jamais tábula daquilo que diz respeito aos conteúdos e aos artefatos da história. A esse propósito, não há nenhuma determinação unívoca universal (...)” (KURZ, *Razão sangrenta*, [Tábula rasa], pp. 169-170)

7 “Cada mercadoria específica luta por si mesma, não pode reconhecer as outras, pretende impor-se em toda parte como se fosse a única. O espetáculo é então o canto épico desse confronto, que nenhuma queda de Ílion pode concluir. O espetáculo não exalta os homens e suas armas, mas as mercadorias e suas paixões” (DEBORD, *A sociedade do espetáculo*, p. 44).

[*Mal do século*]

Para o pensamento hegeliano, a filosofia é como a coruja de Minerva, que alça voo ao entardecer: o pensamento filosófico, que se pergunta acerca dos primeiros princípios, só aparece no envelhecimento de uma experiência, no cair da noite, após o dia que passou. Devido a isso podemos lhe atribuir um caráter lutuoso, como no barroco, e não meramente trágico, sendo uma ruminação sobre o caráter transitório do mundo e da história, e não um destino.

Talvez a credence nordestina tenha uma imagem mais certa, no entanto nada positiva como esta, mas certamente de uma pertinência gritante para os dias que vivemos. Parece que o pensamento que observa o curso atual do mundo se reconhece como uma espécie de rasga-mortalha a alertar aos “homens” a proximidade da morte; sua voz é um grito selvagem a rondar o espírito dos vivos, enquanto ao fundo se ouve das bocas um sonoro “viva os noivos!”, para que não se sucumba ao canto de mau agouro de Maldoror⁸, ao seu canto de maldição.

Quantas auroras não brilharam ainda...

No entanto, a comédia que se anuncia não é a do jogo crítico da história, e sim a farsa dos golpes e retrocessos. É uma espécie de despertar para a ruína do mundo, como no filme *O congresso futurista*: quem optou pela fantasmagoria acabou por perder de vista a sua base real, a desolação

8 Alusão à prosa poética d'*Os cantos de Maldoror*, do Conde de Lautréamont. Nas *Poesias*, publicando apenas como Isidore Ducasse, ele dirá: “Não deveria ter percorrido os domínios satânicos” (LAUTRÉAMONT, *Os cantos de Maldoror*, p. 288). Na verdade, quem os percorre é, antes, sua época. Alusão também, no início do parágrafo, à Águia no *apocalipse de João* (8:13): “Nessa hora vi uma Águia voando no meio do céu e gritando em voz alta: ‘Ai! Ai! Ai dos habitantes da terra! Ainda faltam três toques de trombeta. E os Anjos estão prontos para tocar’”.

e a miséria. Parece que estamos sendo novamente expulsos do paraíso, que de todo modo se (re)encontra ao alcance das mãos⁹, na atualização do sacrifício sem teor sagrado em condições *high tech*; o buraco de agulha para camelos dessa época é a esfera do trabalho, reduzida e precarizada, leito de Procusto ao qual ou se consegue se adequar, ou se é entregue à matabilidade de uma vida destituída de qualquer proteção legal; parece que cai a máscara de caráter social e fica-se diante do puro e simples núcleo do poder: a violência anômica, a crua violência, ela mesma o fundamento da norma, do direito, das leis, da socialização.

Todo niilismo vem da incapacidade afirmativa no interior e para além desse sistema.

[*Regressão e progresso*]

O problema que precisa ser discutido é antigo: como todo potencial ou discurso do progresso, de um aprimoramento humano na história tem, na verdade, se convertido em barbárie, em destruição, guerra, adoecimento¹⁰, como toda ideia moderna de felicidade não passa de uma mentira, pois sustentada em um suposto aprimoramento do domínio técnico, material que, no entanto, não se traduz do ponto de vista social, das relações humanas, senão apenas fantasmagoricamente, como algo que poderia ter sido, mas não é – nem foi.

9 Como nas pinturas do holandês Hieronymus Bosch, temos a possibilidade do jardim das delícias, mas estamos caminhando para um juízo final, e em meio a tal cenário a figura de Santo Antônio, resistindo às tentações em sua solidão impossível.

10 “O que propuséramos era, de fato, nada menos do que descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie” (ADORNO; HORKHEIMER, *Dialética do esclarecimento*, [Prefácio], p. 11).

Estamos diante de uma ruptura naquilo que marcou a experiência humana até aqui, seja quando Karl Marx fala do fim da pré-história¹¹, seja quando Luiz Alberto Oliveira, físico e cosmólogo brasileiro, fala do *homo sapiens 2.0*¹²: o ser humano recobriu todo o globo e tem recoberto todo padrão natural, não apenas na sua forma, mas na sua própria codificação interna com a nanotecnologia, sendo um de seus produtos a engenharia genética. O ideal de história do século XVIII, o progresso, encontra no século XIX a sua crítica e no século XX a sua implosão. No século XXI, depois de um curto verão da reabertura dos horizontes no segundo pós-guerra, caminhamos para um retorno da implosão, e isso em um patamar destrutivo até então desconhecido na história.

A escatologia materializa-se, o fim dos tempos¹³ torna-se a própria circunstância cotidiana de vida, seja na crise ambiental, econômico-financeira, subjetiva, política, social;

11 "As relações burguesas de produção constituem a última forma antagônica do processo social de produção, antagônicas não em um sentido individual, mas de um antagonismo nascente das condições sociais da vida dos indivíduos; contudo, as forças produtivas que se encontram em desenvolvimento no seio da sociedade burguesa criam, ao mesmo tempo, as condições materiais para a solução desse antagonismo. Daí que com essa formação social se encerra a pré-história da sociedade humana" (MARX, *Coleção Os Economistas*, [Para a crítica da economia política], p. 26).

12 Ver suas palestras sobre *Homo civilis (ou Homo sapiens 2.0)*.

13 O fim da história experimentado como tempo do fim é ao mesmo tempo a vitória da forma de socialização baseada no valor mercantil e sua derrota, seu esgotamento interno (substituição do trabalho vivo e ficcionalização monetária baseada na dívida) e externo (limites ambientais e planetários). O que significa uma forma vazia, pura representação de trabalho quantificado no tempo, tomar o mundo de assalto como forma dominante da produção e de mediação social? O esvaziamento do mundo: "Fazer valer abstrações no plano da realidade efetiva significa destruir a realidade efetiva" (HEGEL, *Preleções sobre história da filosofia*, p. 373). É nesse cenário do fim da história, um presente perpétuo gerido por um também perpétuo estado de emergência, por uma gestão armada da barbárie, que a escatologia e o messianismo passam a (re)configurar a visão da história. O problema do messianismo é que ele ainda aposta num instante capaz de redimir uma história de sofrimento, ele ainda joga com grandes expectativas; talvez a principal tarefa do nosso tempo, marcado pelo esgotamento, seja a resiliência diante da barbárie capitalista. Talvez os indígenas zapatistas estejam certos quando dizem: "A história não se transforma a partir de praças cheias ou multidões indignadas, e sim (...) a partir da consciência organizada de grupos e coletivos que se conhecem e reconhecem mutuamente, abaixo e à esquerda, e constituem outra política" (MARCOS, *Nem o centro e nem a periferia*, pp. 56-57).

como se pode ler na apresentação do livro *Com todo vapor ao colapso*, de Robert Kurz: “nunca se viu tantos fins, tantas crises, tantas mudanças incontrolláveis, por todos os lados, em todos os âmbitos”¹⁴. A regulação política não passa de um teatro de máscaras e anuncia a emergência, sobretudo econômica, como paradigma de governo. Quem nunca viu a pulsão tomando de conta das ações, quem nunca viu como sujeitos normais podem agir quando se abre o chão frágil de sua normalidade, que não queira ter de reincidi-la na história para aprender; de todo modo é algo que já se encontra presente, mas de maneira ainda setorizada pelo racismo social.

Ao mesmo tempo a desordem também abre campo para a solidariedade, para a partilha como único modo de manterem-se os laços.

14 KURZ, *Com todo vapor ao colapso*, [Apresentação], p. 7.

1 CONSTELAÇÃO HISTÓRICA DE CRISE

Walter Benjamin, pensador judeu-alemão da primeira metade do século XX, em sua tese de livre-docência não aceita (sobre o drama barroco alemão, ou *Trauerspiel*), nos apresenta a verdade como uma ideia configurada à semelhança das constelações, de modo que os conceitos assumem a mesma característica das estrelas: ainda que distantes (ou descontínuas) umas das outras, configuram para um determinado lugar de observação do cosmos uma unidade na forma de imagem¹⁵.

Nas *Passagens*, compilação de notas e materiais para uma obra jamais escrita, mais especificamente entre as teses *Sobre o conceito de história* (seu pretendido prefácio metodológico) e o *caderno N*, tal imagem receberá uma acentuação do seu caráter histórico, configurando-se em uma situação de perigo. É a partir da situação de perigo atual, presente, que o sujeito do conhecimento histórico, a própria classe combatente, em luta¹⁶, abre a possibilidade de um reencontro entre as gerações passadas, derrotadas, e a sua. A poesia da luta dos oprimidos segundo Benjamin, ao contrário do que disse Marx n' *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, não seria retirada do futuro, mas do passado e de seu apelo à redenção¹⁷.

15 “As ideias se relacionam com as coisas como as constelações com as estrelas” (BENJAMIN, *Origem do drama trágico alemão*, [Prólogo epistemológico-crítico], p. 22).

16 “O sujeito do conhecimento histórico é a própria classe combatente e oprimida” (BENJAMIN, *Magia e técnica, arte e política*, [Sobre o conceito de história], p. 228).

17 Marx, no *18 Brumário*, estabelece uma diferença entre as revoluções burguesas, que no ímpeto de transformarem radicalmente o mundo acabam por recorrer aos modelos do passado (por exemplo, a experiência da Roma antiga), e as revoluções proletárias, que retirariam sua poesia do futuro. O que Benjamin faz é, diante das catástrofes de seu tempo, enunciar um apelo proveniente das lutas dos oprimidos nas gerações passadas que seria a principal fonte da força das lutas presentes.

Esse seu último apontamento em vida é datado de 1940, contexto em que soava meia-noite no século, no dizer de Victor Serge. O perigo de então era o de “entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento”¹⁸, afinal vivia-se um momento de refluxo das insurgências proletárias pelo mundo, seja sob a forma do stalinismo na Rússia, do franquismo na Espanha, do fascismo na Itália ou do nazismo na Alemanha. Foi a mobilização fascista que deu o tom da resposta à crise econômico-financeira de 1929 após a derrota das experiências revolucionárias.

Cabe ainda ressaltar que é nesse contexto, desde a eclosão da primeira guerra mundial, passando pela crise econômico-financeira de 1929 até a ascensão dos regimes totalitários, culminando na segunda guerra mundial e até, enfim, o *boom* da bomba atômica, o momento de refluxo não apenas das lutas proletárias de cunho revolucionário, mas dos próprios valores euro-ocidentais sedimentados no processo de modernização econômica e política do capitalismo, o Esclarecimento, ou Iluminismo, ou Ilustração. Igualdade, liberdade, razão, sujeito, humanismo tornavam-se palavras ocas diante do potencial destrutivo da inflação, do sacrifício como lógica política do ressentimento social, da bomba atômica.

Tal contexto de excepcionalidade em território europeu bem que rendeu, e continua a render, muita resma de papel, muitos *terabyte* na tentativa de justificar, criticar ou apenas entender como o auge da civilização técnica trouxe consigo a contrapartida da decadência das expectativas emancipatórias, seu refluxo regressivo. Vista de outro lugar no globo, tal excepcionalidade em território europeu é a

18 BENJAMIN, *Magia e técnica, arte e política*, [Sobre o conceito de história], p. 224.

própria regra da experiência nas “terras de ninguém” da colonização; não custa lembrar que o bem-estar da metrópole sempre foi sustentado pelo mal-estar nas colônias. No entanto, há também o mal-estar interno à própria metrópole na medida em que a constituição de uma massa de proletários urbanos só foi possível a partir da expropriação das terras de camponeses no contexto da *acumulação primitiva de capital*, como nos lembra Marx no primeiro livro d’*O capital*.

É nesse sentido que Benjamin irá dizer, no clímax regressivo de 1940: “A tradição dos oprimidos nos ensina que o ‘estado de exceção’ em que vivemos é na verdade a regra geral”¹⁹. O que Benjamin está dizendo é bastante simples: *nada de novo no front dos oprimidos*. A experiência histórica está marcada por processos de dominação da natureza e de dominação social, sendo inseparáveis a capacidade de construção narrativa e o lugar que se ocupa dentro da hierarquia social. A história até aqui tem na excepcionalidade das formas de dominação a sua regra, a sua marca incontornável.

Retomando a compreensão do objeto histórico como uma imagem-ideia configurada à maneira das constelações, imagem-ideia esta que se apresenta a partir do nexo, da ponte entre o *aqui* e o *agora* de uma determinada situação de perigo e o *outrora-ocorrido*²⁰, aquilo que foi silenciado na luta das gerações passadas; o momento da presente escrita parece configurar um reverso dessa imagem redentora ligada à *tradição dos*

19 BENJAMIN, *Magia e técnica, arte e política*, [Sobre o conceito de história], p. 226.

20 “Não é que o passado lança sua luz sobre o presente ou que o presente lança sua luz sobre o passado; mas a imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo, formando uma constelação. Em outras palavras: a imagem é a dialética na imobilidade. Pois, enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal e contínua, a relação do ocorrido com o agora é dialética – não é uma progressão, e sim uma imagem, que salta (...)” (BENJAMIN, *Passagens*, [N 2a, 3], p. 504).

oprimidos, pois nos remete antes ao passado do entreguerras: após a eclosão da crise econômico-financeira de 2008, passando pelo refluxo das grandes mobilizações sociais, nos vemos diante da intensificação das guerras civis, de uma mobilização social *pseudoprotofascista*²¹, da migração em massa e dos campos de refugiados, da austeridade e suas contrarreformas, de um permanente estado de guerra, além do limite da depredação ambiental em curso, o que nos remete a uma articulação, no mínimo, preocupante com o passado até aqui apresentado.

Ao nos remeter ao contexto do entreguerras, o momento atual está antes, nos exigindo uma compreensão do passado recente da acumulação de capital, o processo de reestruturação produtiva desde os anos de 1970, passado este que nos lança de volta à própria formação do sistema da acumulação de capital, o seu processo de acumulação primitiva, e ainda ao próprio neolítico maduro, como dirá Paulo Arantes em seu livro *Extinção*, só que agora um neolítico maduro *high tech*: ao

21 Debord diz que o fascismo é “uma ressurreição violenta do mito, que exige a participação em uma comunidade definida por pseudovalores arcaicos: a raça, o sangue, o chefe. O fascismo é o arcaísmo tecnicamente equipado” (DEBORD, *A sociedade do espetáculo*, p. 75). Ele faz se reencontrar de modo perverso – ou reificado – o moderno e o arcaico: Mussolini, o Duce, queria restaurar a grandeza do Império Romano; Hitler, o Führer, a superioridade ariana. Benjamin considera o fascismo uma “estetização da política” na guerra: “Todos os esforços para estetizar a política culminam em um ponto. Esse ponto é a guerra” (BENJAMIN, *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, pp. 92-94). De maneira geral, o que se chama de fascismo está associado a momentos de reação política, de recuperação da ordem perdida, como no bonapartismo, no entreguerras e hoje; mas este também não deixa de evidenciar a própria regra da história. Na sua leitura d’*O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, Marx desvia Hegel dizendo que os acontecimentos históricos se repetem, mas de maneira distinta: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa. Faz isso para diferenciar o papel de Napoleão Bonaparte no desfecho da Revolução Francesa (1789-1799) e do sobrinho, Luís Bonaparte, no desfecho da Segunda República Francesa (1848-1851). Se partirmos desse apontamento para compararmos o entreguerras e hoje, poderíamos talvez dizer o mesmo: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa – Marcuse comenta que a farsa pode ser mais aterradorante que a própria tragédia. No caso do fascismo atual, teríamos que associá-lo a um caráter pós-moderno (flexível), virtual e sobretudo farsante: não há mais o que ser recuperado. Talvez seja o caso de colocar o prefixo *pseudoprotos* – Freud utiliza esse conceito em um de seus textos pré-psicanalíticos para falar que a psique se funda numa primeira mentira, numa falsa origem – antes do nome.

vencedor as batatas transgênicas intoxicadas. Seria essa a configuração de uma constelação não redentora, mas catastrófica. É a partir dela que é preciso encontrar as brechas de esperança.

Essa apresentação, articulação, por assim dizer, constelacional de presente e passado, ou nos termos de Benjamin, de agora e outrora-ocorrido, não significa que estamos apontando no presente apenas uma continuação das formas arcaicas de dominação do passado, como se, por exemplo, o racismo fosse apenas uma herança do passado colonial, ou como se retornássemos hoje às condições do neolítico, da acumulação primitiva ou do entreguerras; não se trata do eterno retorno do mesmo. A situação atual é inteiramente nova, o processo de acumulação de capital é algo de irreversível, as condições da produtividade e da rentabilidade nunca permanecem as mesmas; mas se trata de dizer que é apenas porque o presente produz e reproduz, engendra e mantém, um *arcaísmo*, as próprias relações mercantis, que é possível estabelecer essa *relação negativa* com o que há de arcaico no passado, com as suas formas próprias de dominação.

Ou, ainda, a própria imagem do neolítico, por exemplo, enquanto figuração de um passado arcaico, é ela mesma produzida no presente, pois é antes uma forma de *projeção* do social no natural. Trata-se de uma forma de consciência ideológica – onírica, nos termos de Benjamin – que se manifesta a partir de uma *zona de indeterminação* entre natureza e história, para fazermos paralelo com um conceito de Giorgio Agamben no seu projeto sobre o *homo sacer* moderno; sua base material, para continuarmos nos termos de Marx, é a produção da sociabilidade humana como *segunda natureza*,

algo historicamente constituído, mas socialmente percebido como natural. É essa a questão central para compreendermos o arcaísmo, a *pré-história* na qual estamos inseridos e, assim, o próprio significado da *regressão* imposta pela manutenção das relações sociais vigentes.

Essa relação viciosa entre o moderno e o arcaico, exposta superficialmente até aqui na relação entre presente e passado, é apresentada por Benjamin nos seus *exposés* acerca do livro das *Passagens* enquanto dialética do novo e do sempre-igual, uma interpenetração de mudança e manutenção do mesmo que se expressa no conjunto das produções culturais. Tal dialética se constitui a partir de uma contradição fundamental da acumulação de capital, a contradição entre o desenvolvimento das forças produtivas e as relações sociais de produção²². Se em um determinado momento da história o desenvolvimento das forças produtivas é impulsionado pela lógica da acumulação de capital, a sua contrapartida se apresenta, como diz Marx no *prefácio* de sua *Contribuição para a crítica da economia política*, quando, atingido um determinado estágio do desenvolvimento das forças produtivas, este deixa de ser mobilizado e passa a ser antes travado pelas relações sociais de produção vigentes, no caso a própria acumulação de capital.

Não é que a acumulação de capital deixa de intensificar as transformações técnicas, mas que a bitola das relações de produção interdita as potencialidades de emancipação

22 “À forma do novo meio de produção, que no início ainda é dominada por aquela do antigo (Marx), correspondem na consciência coletiva imagens nas quais se interpenetram o novo e o antigo. Estas imagens são imagens do desejo e nelas o coletivo procura tanto superar quanto transfigurar as imperfeições do produto social, bem como as deficiências da ordem social de produção (...)” (BENJAMIN, *Passagens*, [Exposé de 1935], p. 41).

material e social contidas nessas transformações. Esse é o problema político, por assim dizer, levantado por essa passagem. No entanto, a principal questão a ser retomada desse apontamento de Marx para o diagnóstico aqui perseguido do capitalismo contemporâneo é a sua relação com uma passagem contida no tópico *Capital fixo e desenvolvimento das forças produtivas da sociedade* nos *Grundrisse*, rascunhos antecedentes d'*O capital*:

A troca de trabalho vivo por trabalho objetivado, i.e., o pôr do trabalho social na forma de oposição entre capital e trabalho assalariado, é o último desenvolvimento da relação de valor e da produção baseada no valor. O seu pressuposto é e continua sendo a massa do tempo de trabalho imediato, o *quantum* de trabalho empregado como o fator decisivo da produção da riqueza. No entanto, à medida que a grande indústria se desenvolve, a criação da riqueza efetiva passa a depender menos do tempo de trabalho e do *quantum* de trabalho empregado que do poder dos agentes postos em movimento durante o tempo de trabalho, poder que – sua poderosa efetividade –, por sua vez, não tem nenhuma relação com o tempo de trabalho imediato que custa sua produção, mas que depende, ao contrário, do nível geral da ciência e do progresso da tecnologia, ou da aplicação dessa ciência à produção (...). Tão logo o trabalho na sua forma imediata deixa de ser a grande fonte da riqueza, o tempo de trabalho deixa, e tem de deixar, de ser a sua medida e, em consequência, o valor de troca deixa de ser [a medida] do valor de uso.²³

Tratar-se-ia de saber até que ponto o processo de reestruturação produtiva desde os anos de 1970 pode ser interpretado como um momento em que se consolida esse

23 MARX, *Grundrisse*, pp. 587-588.

deslocamento do *trabalho imediato*, o *trabalho vivo*, pela automatização técnica, o *trabalho morto*, passado, instaurando, assim, um impasse incontornável para a acumulação de capital. É essa a análise de Robert Kurz em seu *Colapso da modernização*, e parece ser esse também o ponto de partida de um pensador brasileiro (seja lá o que isso queira dizer) como Paulo Arantes:

De fato, as bases técnicas para a superação da pré-história da humanidade estão finalmente dadas, e, no entanto, esse limiar emancipatório brilha sob a luz negra de um atoleiro sem fim, o vasto aterro sanitário de homens e mulheres a um tempo descartados e ‘recapturados’ por motivo de irrelevância econômica. Esse buraco de agulha para elefantes é a contradição terminal do nosso tempo: o reino da liberdade está enfim à vista e todavia iremos todos morrer na praia da mais crassa necessidade material, como se ainda engatinhássemos nos tempos da pedra lascada. A contradição deste último capítulo que não acaba de acabar – a liberação possível do fardo da exploração como condição do progresso tornou-se a rigor uma verdadeira expulsão, por assim dizer, na boca do guichê –, foi no entanto identificada por Marx desde a origem: a compulsão do capital a eliminar do processo de valorização econômica a fonte mesma de todo o valor, o trabalho vivo.²⁴

Retomando a dialética do novo e do sempre-igual apresentada por Benjamin, a interpenetração de arcaico e moderno, expressa superficialmente na interpenetração de antigo e novo e presente no conjunto das produções culturais, sejam elas objetos de arte, ruas, construções arquitetônicas, livros

²⁴ ARANTES, *O novo tempo do mundo*, [Tempos de exceção], p. 315. “(...) o buraco negro em que foi se convertendo a sociedade salarial desde que o capital reencontrou um novo caminho para dar livre curso a sua compulsão congênita, a desvalorização suicida da fonte de seu processo de valorização” (ARANTES, *Extinção*, [Notícias de uma guerra cosmopolita], p. 95).

de poesia etc., é, portanto, proveniente da interpenetração entre o arcaísmo da manutenção das relações sociais vigentes e a utopia, ou o *princípio esperança* no dizer de Ernest Bloch, de superação dessas mesmas relações. Isso significa dizer que a contradição posta na produção material da existência se expressa subjetivamente nessa tensão entre o permitido, a manutenção da bitola das relações mercantis, e o possível, a *expectativa* de superação dos problemas materiais e das hierarquias sociais. Ao menos parece ser essa a problematização de Benjamin.

É aqui que podemos fazer uma amarração, transpondo ao conceito, ou *refundindo conceitualmente* as habilidades da mãe de santo e do pedreiro, tendo em vista o diagnóstico de Paulo Arantes – feito a partir do diálogo com diversos autores – acerca do *novo tempo do mundo*, ou da experiência do tempo no capitalismo contemporâneo. Retomando Reinhardt Koselleck, Arantes irá dizer que o moderno tempo do mundo, aquele do progresso, se constitui a partir da separação entre *espaço de experiência* e *horizonte de expectativa* – no contexto das grandes navegações, da “descoberta do novo mundo”, da acumulação primitiva arregimentada pelos Estados absolutistas –, e encontra seu vértice no Esclarecimento e nas revoluções políticas e industriais burguesas até, enfim, passar a reconciliar-se após o lançamento bomba atômica, mas, sobretudo, após a hegemonia global da economia capitalista após a queda do muro de Berlim e a dissolução da URSS. Tal reconciliação traz consigo um *caráter regressivo*, pois tem a marca da conciliação entre experiência e expectativa própria das comunidades tradicionais.

Como já dito anteriormente, não é que retornamos ao patamar das formas tradicionais de organização social, nem se trata aqui de reafirmar o seu rebaixamento levado a cabo pelo processo de modernização que teve no progresso a sua categoria ideológica central, constituindo, assim, um conceito linear da história, mas que estamos diante de um processo endógeno, de um esgotamento daquilo que marcou a experiência moderna do tempo até aqui, a constante abertura do horizonte de expectativa. Como nos diz Paulo Arantes, é o rebaixamento, ou o esgotamento, do horizonte de expectativa moderno, aquele do progresso, o principal fator da reconciliação contemporânea entre experiência e expectativa²⁵.

Seu declínio, o do horizonte de expectativa, se apresenta primeiramente, no contexto do entreguerras, contexto da crise econômica, da ascensão fascista etc., como já dito anteriormente, mas particularmente no estouro da bomba atômica. A bomba atômica, a capacidade técnica de autoaniquilação, de extinção da espécie humana, coloca na ordem do dia a iminência de uma catástrofe. O ponto culminante desse declínio do horizonte de expectativa é o momento em que o globo terrestre se torna, de fato, o palco único e exclusivo da acumulação de capital. O esgotamento espacial trouxe consigo, ironicamente, o esgotamento temporal das expectativas. É essa uma espécie de gênese da reconciliação até aqui apresentada, que tem como marca a *emergência*, ou a *urgência*. Nas palavras de Arantes:

25 “(...) nesse aparente eterno retorno de uma conjuntura em que campo de experiência e horizonte de expectativa voltaram a se sobrepor, depois de seu longo divórcio progressista (...)” (ARANTES, *O novo tempo do mundo*, p. 97).

Acontece que, a certa altura do curso contemporâneo do mundo, a distância entre expectativa e experiência passou a encurtar cada vez mais e numa direção surpreendente, como se a brecha do novo tempo fosse reabsorvida, e se fechasse em nova chave, inaugurando uma nova era que se poderia denominar de *expectativas decrescentes*, algo ‘vivido’ em qualquer que seja o registro, alto ou baixo, e vivido em regime de *urgência*.²⁶

Se no tempo de Benjamin, quando soava meia-noite no século, o problema da exceção como a regra da experiência política, da iminência da catástrofe, do esgotamento dos valores euro-ocidentais, da sua própria dinâmica econômica e política de base, começa a se tornar uma questão incontornável, é apenas no nosso tempo, esse que tem sua gênese em meados de 1970, que haverá uma mudança negativa de novo tipo. Como nos lembra Arantes, retomando uma passagem da peça *Galileu* de Bertolt Brecht²⁷, mesmo no auge da crise na primeira metade do século XX ainda havia a expectativa de uma reviravolta que viesse a redimir o rastro de violência e dominação que se alastrava, no caso a expectativa de uma revolução.

Nosso tempo, ao contrário, tem como marca, além da *queda tendencial da taxa de lucro* (Marx), ou mesmo de uma *crise substancial da valorização* (também Marx, na interpretação de Kurz), da “baixa tendencial do valor de uso”²⁸, para lembrarmos Guy Debord, uma *queda tendencial das expectativas*²⁹. Já não há redenção a vista, já não há outro mundo possível, há apenas a iminência da catástrofe, que de todo

26 ARANTES, *O novo tempo do mundo*, p. 67.

27 “Há cem anos se espera por um invento desse tipo”, diz Galileu na peça de Brecht.

28 DEBORD, *A sociedade do espetáculo*, p. 33. Poderíamos incluir, nesse ponto, o problema do empobrecimento da experiência em Benjamin, e a autodestruição do esclarecimento em Adorno e Horkheimer.

29 “À medida, portanto, que o globo encolhe e os horizontes temporais se reduzem a um ponto em que só existe o presente, o horizonte do desejo tende a zero, pelo menos na base da pirâmide” (ARANTES, *O novo tempo do mundo*, p. 75).

modo já se encontra instaurada no próprio funcionamento normal do mundo; há apenas o mesmo piorado. Esse estado subjetivo não é em si mesmo o produtor do estado de coisas em que nos encontramos, mas sintoma. Seu problema de base, que pode ter seu paralelo com a economia psíquica da libido, tem a ver com o próprio esgotamento interno das atuais condições da acumulação de capital, de um lado, e os limites externos tanto do espaço para novos mercados quanto da relação predatória com a natureza.

É essa diferença de expectativa entre os anos de 1929 e 2008 que nos permite compreender por que um autor como Benjamin ainda pode encontrar nas produções culturais de seu tempo um caráter utópico, uma expectativa que aponta uma redenção possível, e um autor como Paulo Arantes ter como principal diagnóstico do *novo tempo do mundo*, no caminho das publicações de Christopher Lasch, a tendência a zero do horizonte de expectativa. Ao que parece, a interpenetração do arcaico e do utópico, presente no contexto do entreguerras e mesmo no segundo pós-guerra, parece dar lugar a uma intensificação do caráter arcaico na medida inversamente proporcional do decréscimo do caráter utópico das expectativas. Parece ser essa constelação conceitual que nos permite compreender essa mesma lógica presente na redução do *Estado de bem-estar social* (mesmo ele, sempre relativo) e concomitante intensificação do *estado de guerra* em que nos encontramos. Parece ser essa a questão central para compreendermos o *caráter regressivo* da experiência social contemporânea.

Para retomarmos o título certo do último capítulo da última publicação de Robert Kurz ainda em vida, *Dinheiro sem valor*, parece que estamos diante *do sacrifício e do regresso perverso do arcaico*. Para elucidarmos esse apontamento temos de recorrer novamente a Walter Benjamin. Em seu *ensaio sobre a reprodutibilidade técnica*, ele compreende o fenômeno da guerra como regressão (fascista) que mobiliza a técnica não como força produtiva, mas como força destrutiva (seu uso antinatural). Assim, a sociedade que se manteve presa à forma arcaica da produção de valor, por não conseguir ir além do seu uso, acaba por converter toda força produtiva em destruição no contexto da crise econômica daquele período. Nas palavras do autor:

(...) se o uso natural das forças produtivas é bloqueado pela distribuição da propriedade, a elevação dos meios técnicos, em termos de ritmo, de fontes de energia, pressiona em direção a uma utilização antinatural dessas forças. Esta é encontrada na guerra, que dá, com suas destruições, a prova de que a sociedade não estava madura o suficiente para transformar a técnica em seu órgão, de que a técnica não estava desenvolvida o suficiente para subjugar as forças elementares da sociedade. A guerra imperialista é determinada, em seus traços mais terríveis, pela discrepância entre os poderosos meios de produção e sua utilização insuficiente no processo de produção (em outras palavras, por meio do desemprego e da falta de meios e escoamento). A guerra imperialista é uma insurgência da técnica que cobra, em “material humano”, exigências para cuja satisfação o material natural foi negado pela sociedade. No lugar do trânsito aéreo, ela instaura o trânsito de balas, e na guerra química ela tem um novo meio para extirpar a aura.³⁰

30 BENJAMIN, *Magia e técnica, arte e política*, [A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica], p. 93.

Isso porque, no contexto da *primeira técnica*, aquela do trabalho manual, que exige do homem um constante labor, o ponto culminante da experiência coletiva é o ato do sacrifício; ao contrário, a técnica moderna, a *segunda técnica*, a da capacidade de reprodução mecanizada, instaura a possibilidade do jogo, de uma outra relação entre humanidade e natureza. Ainda Benjamin:

Humanos e seu ambiente eram os objetos de tais noções, e eles eram retratados segundo as exigências de uma sociedade cuja técnica existia apenas enquanto fundida com o ritual. Uma técnica que, se comparada à mecânica, é naturalmente rudimentar. Mas não é isso que importa à investigação dialética. Para ela interessa a diferença tendencial entre essa técnica e a nossa, que consiste no fato de a primeira empregar o ser humano o máximo, e a segunda, o mínimo possível. Em certo sentido, podemos considerar o ato máximo da primeira técnica como sendo o sacrifício humano; o da segunda encontra-se no horizonte dos aviões de controle remoto, que dispensam tripulação. A primeira técnica orienta-se pelo “de uma vez por todas” (nela trata-se do sacrilégio irreparável ou do sacrifício eternamente exemplar); a segunda, pelo “uma vez é nenhuma vez” (ela trata do experimento e das variações incansáveis dos procedimentos de teste). A origem da segunda técnica deve ser buscada onde o ser humano, com uma astúcia inconsciente, chegou pela primeira vez a tomar uma distância em relação à natureza. Em outras palavras, ela encontra-se no jogo (...) A primeira realmente pretende dominar a natureza; a segunda prefere muito antes um jogo conjunto entre natureza e humanidade.³¹

31 BENJAMIN, *Magia e técnica, arte e política*, [A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica], pp. 62-63.

O regresso perverso do arcaico é, desse modo, uma espécie de atualização do sacrifício próprio ao contexto da primeira técnica nas condições de destruição da segunda técnica. O arcaico, por sua vez, é a própria manutenção das relações de propriedade vigentes, baseadas na forma de mercadoria da atividade humana e de seus produtos, é aquela continuidade entre capitalismo e religião apresentada por Benjamin em outro ensaio, *O capitalismo como religião*, ressaltando as diferenças radicais entre ambos, como nos lembra Kurz, a continuidade entre o ritual inerente às formas de organização social que encontram no sagrado a sua síntese e o fetiche da mercadoria que marca o mundo da acumulação de capital.

O ponto culminante dessa lógica do sacrifício tornada atual pela manutenção do arcaísmo das relações mercantis, que impossibilita um outro uso da segunda técnica, é a guerra. Como diz Benjamin, ela é “uma insurgência da técnica que cobra, ‘em material humano’, exigências para cuja satisfação o material natural foi negado pela sociedade”. Essa cobrança da técnica, a sua conversão em força destrutiva na guerra, é antes uma cobrança da lógica da acumulação de capital, D-M-D’, uma cobrança de sua permanente necessidade de autovalorização, que se intensifica nos contextos de crise. Como diz Anselm Jappe: “O dinheiro é nosso fetiche: um deus que nós criamos, mas do qual julgamos depender e ao qual estamos dispostos a tudo sacrificar para apaziguar as suas cóleras”³².

Mas, assim como é preciso distinguir a natureza da crise de 1929 da crise atual, é preciso distinguir a mudança qualitativa ocorrida na natureza da guerra. No contexto de

32 JAPPE, Anselm. *A balsa da Medusa*. Trad. José Alforda. Lisboa: Antígona, 2012.

Benjamin, o modelo econômico que veio a dar resposta à crise de sobreacumulação (diretamente relacionada ao subconsumo) estourada em 1929 foi o modelo de produção fordista. Tal modelo tem relação direta com o modelo da guerra de então, a segunda guerra mundial. Essa relação se expressa no caráter nacional dos exércitos e mesmo no caráter de *mobilização total* da *sociedade civil* em função da guerra. Outro é o caso da guerra atual, comenta Paulo Arantes em seu livro *Extinção*. Se o modelo da acumulação contemporânea de capital transfigurou-se em um modelo *flexível* cuja principal característica é a terceirização dos encargos materiais, como nos diz David Harvey no livro *Condição pós-moderna*, a própria guerra também o fez. Ela de modo algum mobiliza a sociedade, nem mesmo se executa mediante exércitos nacionais; a cada dia tem a mesma natureza dos exércitos na origem do Estado moderno: se antes alugavam exércitos de mercenários, hoje não se faz outra coisa, terceirizam-nos³³.

Isso porque não se trata mais de um conflito direto entre nações, impossibilitado pela Bomba (atômica). O foco, hoje, são as infraestruturas, a precisão pretensamente cirúrgica de uma guerra sem baixas, cuja natureza é a desestabilização das condições de vida das populações e territórios para melhor controlá-los³⁴. Seu dispositivo é tão arcaico quanto o das guerras santas, ou justas: o ataque ao *inimigo* chamado

33 “Seria, então, contemporânea a guerra pós-moderna, fragmentada, podemos supor, como as cadeias produtivas da acumulação dita flexível, desdobrando-se em conflitos descentralizados de baixa intensidade, regionalizados, terceirizados, por assim dizer, protagonizados por fatias de exércitos nacionais, mercenários, paramilitares etc., enfim uma economia de guerra escorada por esquemas de financiamento heterodoxos e igualmente flexíveis” (ARANTES, *Extinção*, [Notícias de uma guerra cosmopolita], p. 50).

34 “(...) não é preciso matar as pessoas, basta provocar o colapso de suas condições de vida. E assim foi feito (e estou citando): a destruição sistemática da infra-estrutura (eletricidade,

terror, mediante terror, haja visto o acontecimento originário do atual terrorismo mundial de Estado, o *11 de setembro*. É nesse sentido que o palpite de Arantes sobre a configuração econômico-política contemporânea chama-se *estado de sítio*³⁵, mais especificamente a configuração de um estado de sítio mundial constituído a partir de um monopólio mundial da violência.

O recurso do estado de sítio é apresentado pelo autor (no ensaio homônimo contido no livro *Extinção*) a partir da experiência do *18 Brumário de Luís Bonaparte*, analisada por Marx. Em 1848, a Europa foi tomada por insurreições contra os regimes monárquicos ainda em vigência, no acontecimento que ficou conhecido como Primavera dos Povos. Particularmente na França, o reinado de Luís Filipe deu lugar a Assembleia Nacional Constituinte dominada pelo “partido da ordem”. Esse processo de formação do Estado constitucional republicano burguês só foi possível mediante o esmagamento dos levantes proletários, que não se reconheciam na constituinte em curso; só foi possível erigir uma constituição republicana em meio ao decreto do estado de sítio para a contensão das tais jornadas de junho. Esse paradoxo é, na leitura de Arantes, o paradoxo crucial da experiência política moderna, que irá se reapresentar em vários outros contextos, por exemplo, na República de Weimar.

abastecimento, água, saneamento etc.) não caracterizaria bem um bombardeio cirúrgico, mas o que um médico norte-americano chamou de ‘neurocirúrgico’: com a precisão alardeada, as bombas inteligentes arrancaram o cérebro que permite a uma população sobreviver” (ARANTES, *Extinção*, [Notícias de uma guerra cosmopolita], p.53).

35 “Se fosse possível e desejável resumir em uma única fórmula o atual estado do mundo, eu não pensaria duas vezes: *estado de sítio*. Palpite arriscado” (ARANTES, *Extinção*, [Estado de sítio], p. 153).

Mas seria muito pretensioso considerar que os atentados de 11 de setembro, o *18 Brumário de George Bush* anunciado no ensaio de Arantes, tiveram principalmente a ver com os levantes chamados pela mídia de *antiglobalização*; seria talvez considerar-se um inimigo à altura de por abaixo e reconfigurar a ordem social vigente, como noutros tempos. No entanto, ou devido a isso, como retoma Arantes um autor americano, “contrainsurgência hoje, afirma [Andrew] Bacevich, é uma moeda falsa, uma fraude destinada a perpetuar o estado de guerra no mundo, pois a ‘segurança da população’, por definição, é uma porta que nunca se fecha”³⁶. Não é preciso um inimigo interno à altura para se acionar dispositivos de controle ou de extermínio.

Antes dos protestos “ideologicamente” anticapitalistas, existem alguns inimigos internos que, na prática, se mostram mais perigosos, mesmo sendo também impotentes quanto a uma nova forma prática de redenção. Estes são as populações periféricas, sobretudo negras, cada vez menos integráveis na ordem da socialização pelo trabalho, por isso mesmo extermináveis. E como inimigo externo, o terror islâmico, subproduto do *terrorismo de Estado* que se consolida desde a fundação do Estado de Israel até as ocupações do Iraque e do Afeganistão. É justamente na relação com esse “inimigo” que todo Estado funda sua política de emergência; se não mais outros Estados nacionais, ou mesmo um movimento revolucionário, como inimigo, agora a emergência de contensão das suas próprias populações não integradas e das populações expropriadas em territórios externos.

36 ARANTES, *O novo tempo do mundo*, [Depois de junho a paz será total], p. 367.

O estado de sítio mundial no qual estamos inseridos tem, portanto, de ser compreendido a partir desses dois apontamentos: de um lado, a natureza da crise econômico-financeira atual, colocando os termos do estado de emergência a partir de sua natureza econômica; de outro, a produção política do inimigo como intensificação da lógica do sacrifício sem teor sagrado³⁷, que terá sua marca no extermínio das populações não integradas, em âmbito interno, e no estado permanente de guerra nas ocupações de territórios externos. Tanto de um lado como do outro da análise aqui perseguida, o seu produto permanece sendo a guerra.

Retomando-a, se na apresentação teórico-estratégica do general prussiano Carl von Clausewitz, figura central na derrota das *guerras napoleônicas*, a guerra aparece como continuação da política por outros meios, como fenômeno limitado pela política, um meio para fins políticos, essa *guerra real* apresentada no seu livro inacabado *Da guerra*³⁸; no contexto das *guerras mundiais*, particularmente no segundo pós-guerra, diante do fato material da bomba atômica, outra é a experiência da guerra que passa a se constituir. Atingido o patamar da força de destruição atômica, a *guerra absoluta* apresentada por Clausewitz, até então apenas uma figuração hipotética da capacidade de destruição instantânea do exército inimigo, passa a ser a guerra real, a guerra absoluta torna-se uma realidade.

37 AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

38 CLAUSEWITZ, Carl von. *Da guerra*. Trad. Maria Teresa Ramos. São Paulo: Martins Fontes, 1979. Poderíamos, em outra circunstância, reapresentar Clausewitz partindo do modo como a guerra absoluta (pensada aqui como a guerra real a partir da entrada em cena da bomba atômica) reconfiguraria a natureza e a teoria da guerra, assim como os seus demais componentes.

Com a impossibilidade de um conflito direto entre as superpotências da *guerra fria*, o bloco ocidental liberal americanizado e o bloco da economia de comando estatal soviética, a guerra passa a esquentar a prestação na periferia do mundo. Esse impasse será reconfigurado com a dissolução do bloco estatal soviético e a entrada em cena da globalização do capital nos termos do bloco ocidental à americana – não sem integrar alguns elementos do modelo rival, modernizando-se econômica e policialmente³⁹. Nesse momento, passa a predominar hegemônica e assimetricamente o aparato econômico-financeiro e militar dos Estados Unidos.

É nesse ambiente que se gestará o que Paulo Arantes denomina de *guerras cosmopolitas*, tendo como marco a Guerra do Golfo⁴⁰, passando pelas ocupações do Iraque e do Afeganistão após o 11 de setembro até a atual guerra civil na Síria. A guerra cosmopolita contemporânea é justamente o reverso da paz perpétua kantiana, uma “paz perpétua por meio da guerra perpétua”⁴¹; no caso, o que integra essa nova (des)ordem mundial é a produção do mundo como fronteira militar, em um processo no qual a guerra deixa de ser a continuação da política por outros meios e, ao contrário, é a política que passa a ser a continuação da guerra por outros meios: “Não estamos mais diante da guerra, mas, agora sim, diante da política como mera continuação da guerra”⁴². Nes-

39 “Como o Grande Cisma do poder de classes terminou em reconciliação, hoje convém dizer que a prática unificada do espetacular integrado ‘transformou economicamente o mundo’, ao mesmo tempo em que ‘transformou policialmente a percepção’ (A própria polícia, no caso, é totalmente nova)” (DEBORD, *A sociedade do espetáculo*, [Advertência da edição francesa de 1992], p. 10).

40 “A Guerra do Golfo foi sem dúvida o primeiro grande laboratório do estado de sítio como governo do mundo” (ARANTES, *Extinção*, [Notícias de uma guerra cosmopolita], p. 43).

41 ARANTES, *Extinção*, [Notícias de uma guerra cosmopolita], p. 76.

42 ARANTES, *Extinção*, [Diante da guerra], p. 29.

se percurso, a guerra deixa de ser um acontecimento limitado e simétrico e passa a ser um estado de exceção permanente, ilimitado e assimétrico; torna-se um fim em si mesmo, como o próprio capital. Sua atualidade repõe os elementos supostamente arcaicos das *guerras justas ou santas* (das *Cruzadas*, por exemplo), só que agora como guerra humanitária, cosmopolita. É essa a base do estado de sítio mundial no qual estamos inseridos.

A atual constelação histórica de crise tem, portanto, na crise da socialização pela economia de mercado e na instauração de um estado de emergência permanente, cujo sintoma subjetivo é o decrescimento das expectativas e o ponto culminante a guerra civil mundial, as suas questões cruciais. É esse um diagnóstico possível do nosso tempo.

2 CAVALEIROS DO APOCALIPSE

2.1 Pulsão econômica de crise

2.1.1 *Prólogo. No princípio era...*

Parece que o trem (bala) desgovernado da história, mesmo esse ônibus diário com lembrete de “saída de emergência” na janela lateral, tem como motor a combustão interna, radioatividade ou mesmo qualquer fonte renovável de energia, um velho teorema de Marx: a contradição dialética, de mútua exclusão e determinação, entre as relações sociais de produção e o desenvolvimento das forças produtivas. Como nos lembra Anselm Jappe, “Se a circulação de mercadorias houver de ser outra coisa que não uma troca ocasional de bens raros ou de excedentes, se ela se apoderar da vida produtiva no seu todo, então terá necessidade de crescer em cada ciclo que passa”⁴³. Essa a pulsão socioeconômica, de segunda natureza, na qual estamos metidos⁴⁴.

Até a lógica mercantil tomar de assalto o céu da produção material da existência e, assim, iniciar sua colonização de tudo aquilo que pode ser concebido como vida, modo de vida, cultura, hoje quase universalmente conquistada, houve um Abre Alas socioeconômico, técnico-científico e militar conhecido por acumulação primitiva⁴⁵. *A corrida do ouro* das

43 JAPPE, *As aventuras da mercadoria*, p. 83.

44 “O que torna a sociedade moderna tão perigosa é o fato de estar sujeita a um dinamismo muito forte que ela não consegue de modo nenhum controlar porque está inteiramente entregue ao seu *medium* fetichista” (JAPPE, *As aventuras da mercadoria*, p. 131).

45 “Vimos como o dinheiro é transformado em capital, como por meio do capital é produzido mais-valor e do mais-valor se obtém mais capital. Porém, a acumulação do capital pressupõe o mais-

expansões marítimas em busca de metais preciosos e especiarias nas “terras de ninguém” da colonização. Essa corrida foi levada a cabo pelos poderes soberanos, pelas monarquias, pelo Estado de então.

Em verdade nos lembram: é uma força destrutiva que aplaina o terreno da história para a (im)plantação da monocultura de mercadorias⁴⁶. Tal força é alçada pelo monopólio da violência detido pelos Estados nacionais em formação. O cultivo da monocultura do mercado não é, desde a sua origem, separável da violência estatal, da sua máquina de aplainamento da cultura. Mas isso não foi possível sem, antes, uma revolução epistemológica bem específica: a ciência natural moderna, sua racionalidade instrumental, técnico-científica.

Ela refaz uma cosmologia em que se quebra o narcisismo do “homem” do medievo cristão, visto como a imagem e semelhança de Deus, tendo a natureza à sua disposição, a criatura dentre as criaturas no centro de uma Terra pensada como centro do universo finito conhecido – até o sol giraria em torno de seu eixo. A partir de então, tudo que era sólido se desmanchava na frente das vistas – como com Galileu e sua luneta, observando as luas do planeta Júpiter. Esse o início, o início da crítica interna à cosmologia europeia.

O que permitiu uma tal reviravolta tem a ver com o desenvolvimento de uma concepção de natureza em que esta

valor, o mais-valor, a produção capitalista, e esta, por sua vez, a existência de massas relativamente grandes de capital e de força de trabalho nas mãos dos produtores de mercadorias. Todo esse movimento parece, portanto, girar num círculo vicioso, do qual só podemos escapar supondo uma acumulação ‘primitiva’ (‘previous accumulation’, em Adam Smith) prévia à acumulação capitalista, uma acumulação que não é resultado do modo de produção capitalista, mas seu ponto de partida” (MARX, *O capital*, [A assim chamada acumulação primitiva], p. 785).

46 KURZ, Robert. *O estouro da Modernidade com tostões e canhões*. Disponível em: <http://www.obeco-online.org/rkurz94.htm>. Acesso em: 24 fev. 2021.

possui leis internas, traduzidas pelo cálculo matemático, independentes da vontade de qualquer ser transcendente como Deus, no sentido pessoal, ou mesmo imanente, como Tupã. Isso, sim, um virulento niilismo a desencantar o mundo – a ciência como um martelo a destituir todos os ídolos. O teor da epistemologia que lhe serve de base é logo traduzido pelo axioma de um inglês, Francis Bacon, um gênio: saber é poder; submete-se a natureza submetendo-se às suas leis⁴⁷. Aqui acontece a primeira queda do céu, a terra dos povos originários⁴⁸, aqui se inicia um apenas imaginável domínio técnico sobre a natureza.

Mas esse potencial niilista da ciência, certamente ao mesmo tempo também reencantando o mundo pela dança cósmica captada na luneta de Galileu e posteriormente no telescópio Hubble, não vem senão como afirmação de uma forma social bem específica, sendo sua ferramenta a revolução nos assuntos militares, e sua expressão à guerra. As forças destrutivas das armas de fogo são, a partir de então, um argumento quase inquestionável na luta dos povos. Tal forma social, baseada na destituição de toda comunidade orgânica, não vem sem, na outra ponta, a fundação de uma sociedade baseada no indivíduo, na liberdade de sua vontade de mercador, na sua condição de sujeito universal, autocentrado.

A quebra do narcisismo cristão não vem, assim, sem uma afirmação narcísica também na outra ponta: a metafísica da subjetividade, o eu, o cogito, o sujeito do conhecimento

47 BACON, Francis. *Coleção Os Pensadores*. Tradução e notas de José Aluysio Reis de Andrade. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

48 KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. A questão indígena pode ser pensada como contagem regressiva para o progresso.

como a fonte substancial do sentido do mundo, o eixo gravitacional de si e do mundo possível. Mas o narcisismo não é assim tão autocentrado como aparenta, talvez possua algum problema de fundo ao qual ele tenta responder: a melancolia diante de um mundo em desmanche. Esse o sintoma do século XVII, o século barroco, oscilante entre a concepção de um mundo mecânico natural e o Deus cristão, que funda uma expectativa de futuro incerta também oscilante entre a catástrofe da morte iminente e a redenção como salvação das almas.

Nilismo, narcisismo e melancolia são, portanto, sintomas já presentes nas origens do que conhecemos por modernidade. Serão suprimidos ou manifestos conforme o sopro do vento do progresso nas asas do anjo da história. Mas voltamos ao aspecto socioeconômico, técnico-científico e militar que marca o nascedouro da modernidade, a acumulação primitiva. O Estado fará um bom uso da revolução científica no seu aparato de navegação e guerra, sendo a guerra o lugar de nascimento da primeira forma de assalariamento, com os exércitos de mercenários, seja no contexto da colonização de outros povos e territórios, o aspecto externo, seja na expropriação das terras de camponeses, proibindo-lhes também a caça e a colheita de lenha, o aspecto interno. Dá-se aqui as guerras camponesas, assim como as resistências de outros povos, uma resistência ainda pré-moderna à modernidade.

Em uma ponta, a colonização externa, temos o desenvolvimento de um espaço anômico puramente econômico, chave para a acumulação primitiva do capital comercial, e na outra, as expropriações internas, temos a formação de uma massa socialmente nua, possuindo apenas o fogo de sua fa-

culdade de trabalho⁴⁹. Em conjunto a isso a ciência vai também se tornando cada vez mais um componente da produção material da existência, dando-se a passagem de uma produção artesanal à manufaturada, e desta à consolidação da grande indústria, a maquinaria moderna com a máquina de tear a vapor. Acumulação de capital inicial, formação de uma massa de “trabalhadores” e maquinário constituem, assim, três dos cavaleiros do apocalipse que invocarão o quarto, a besta chamada capital: o dinheiro, a mercadoria detendo não apenas o lugar da circulação, o comércio, mas o próprio centro, a finalidade da produção: D – M – D’.

Se os países europeus da região sul, Portugal, Espanha, Holanda (os Países Baixos), devido às suas navegações, são aqueles que detêm a dianteira do capital comercial, é na Inglaterra que se toma a dianteira do capital industrial. É nela onde o coração das trevas começa a bater mais pulsante. Não à toa ter sido nela que Marx passou o restante dos seus dias após a *Primavera dos Povos* (1848), ainda que a maior parte do tempo na sua Biblioteca Nacional, donde saem a maior parte das linhas de crítica da economia política aqui retomadas.

2.1.2 Desenvolvimento histórico da contradição interna do capital

Slavoj Žižek retoma o psicanalista francês Jacques Lacan para dizer que em Marx a luta de classes se apresenta como sintoma, como o recalçado que retorna para contradizer a pretensa harmonia social. Isso, de um lado, está certo:

⁴⁹ “O pôr do indivíduo como um trabalhador, nessa nudez, é ela própria um produto histórico” (MARX, *Grundrisse*, [Formas que precederam a produção capitalista], p. 388)

“A economia política burguesa, isto é, a que vê na ordem capitalista a configuração definitiva e última da produção, só pode assumir caráter científico enquanto a luta de classes permaneça latente ou se revele apenas em manifestações esporádicas”⁵⁰. No entanto, na outra ponta, é a própria *abstração real*⁵¹ do valor que aparece como o elemento formal que submete todo o processo real⁵², sendo essa noção análoga à definição de inconsciente; a própria pulsão econômica do capital, como a forma de valorização do valor, se apresenta como a dimensão inconsciente da experiência social.

Parece que para compreendermos nossa experiência contemporânea é preciso, antes, perceber como essa pulsão econômica do capital se apresenta como zona tabu, não tematizada, pressuposta e não questionada, que, sobretudo diante de sua crise, retorna como sintoma, cobrando seu preço em sacrifício. Parece ser preciso, sobretudo, entender o lugar do trabalho, do tempo de trabalho socialmente ne-

50 MARX, *O capital*, [Prefácio da segunda edição], p. 23.

51 “Se [...] a ‘abstração real’ não depende do nível da ‘realidade’, das propriedades efetivas do objeto, nem por isso ela é uma ‘abstração do pensamento’, um processo que se desenrole no ‘interior’ do sujeito pensante: em relação a essa ‘interioridade’, a abstração própria do ato de troca é irredutivelmente externa, descentrada, ou, para retomar a formulação concisa de Sohn-Rettel: ‘A abstração da troca não é o pensamento, mas tem a forma do pensamento’. Aí está uma definição possível do inconsciente, como forma do pensamento cujo estatuto ‘ontológico’ não é o do pensamento, ou seja, que preserva uma exterioridade irredutível em relação a ele – uma Outra Cena externa ao pensamento, em que a forma deste já é articulada de antemão. O Simbólico é precisamente essa ordem formal, que vem como terceiro em relação à dualidade composta pela realidade empírica ‘externa’/‘interioridade’ da vivência subjetiva; assim, Sohn-Rettel teve toda razão em criticar Althusser, que confere à abstração um estatuto de pensamento, reduzindo-a a um processo que só pode manifestar-se no nível do conhecimento, e por essa razão repudiando a categoria da ‘abstração real’, como uma confusão epistemológica” (ŽIŽEK, *O mais sublime dos históricos*, pp. 137-138).

52 “(...) a subordinação formal precede a real, ou seja, o capital subordina primeiramente o processo de produção tal como o encontrou (o artesanato, etc.), e só com base nisso é que vai modificando gradualmente as forças produtivas, dando-lhes a estrutura que lhe convém; contrariamente à citada representação vulgar, é a forma das relações de produção que impulsiona o desenvolvimento das forças produtivas, de seu ‘conteúdo” (ŽIŽEK, *O mais sublime dos históricos*, p. 153).

cessário como medida da riqueza social, o *trabalho abstrato*⁵³, como fator decisivo para se compreender o significado de suas crises. Sobre isso, Marx fala de uma contradição interna do capital, que no prefácio de sua *Contribuição à crítica da economia política* aparece de maneira mais geral como contradição entre o desenvolvimento das forças produtivas e as relações sociais de produção, mas que, sobretudo no tópico *Capital fixo e desenvolvimento das forças produtivas* dos *Grundrisse*, é determinada como uma contradição insolúvel em o modo de produção capitalista estabelecer o tempo de trabalho socialmente necessário como medida da riqueza social, do valor, ao mesmo tempo em que precisa, mediante a concorrência, desenvolver as forças produtivas no sentido de reduzir esse mesmo tempo a um mínimo até o ponto de torná-lo supérfluo. Esse problema aparece formulado também no terceiro livro de *O capital* como uma queda tendencial da taxa de lucro, compensada pelo aumento da massa de lucro.

São esses apontamentos que nos permitem compreender o desenvolvimento histórico do capitalismo e o significado de suas crises. Se cada mercadoria tem como eixo gravitacional de seu valor o tempo de trabalho socialmente necessário para a sua produção – a média social não no sentido aritmético, mas de um determinado grau de produtivi-

53 “Se prescindirmos do valor-de-uso da mercadoria, só lhe resta ainda uma propriedade, a de ser produto do trabalho. Mas, então, o produto do trabalho já terá passado por uma transmutação. Pondo de lado seu valor-de-uso, abstraímos, também, das formas e elementos materiais que fazem dele um valor-de-uso. Ele não é mais mesa, casa, fio ou qualquer outra coisa útil. Sumiram todas as suas qualidades materiais. Também não é mais o produto do trabalho do marceneiro, do pedreiro, do fiandeiro ou de qualquer outra forma de trabalho produtivo. Ao desaparecer o caráter útil dos produtos do trabalho, também desaparece o caráter útil dos trabalhos neles corporificados; desvanecem-se, portanto, as diferentes formas de trabalho concreto, elas não mais se distinguem umas das outras, mas reduzem-se, todas, a uma única espécie de trabalho, o trabalho humano abstrato” (MARX, *O capital*, [A mercadoria], p. 60).

dade –, é de se supor que sua tendência, na medida em que aumenta a produtividade, é diminuir o tempo de produção necessário para cada mercadoria. Assim, para se acumular a taxa de lucro de um grau de produtividade anterior é preciso ampliar a massa de mercadorias vendidas. Como exemplo, podemos tomar a média da produção social de trinta camisas em trinta minutos, o que acarretaria que cada camisa teria como valor um minuto; se essa produtividade se amplia, se se passa a produzir sessenta camisas em trinta minutos, cada mercadoria terá como valor trinta segundos; assim, nesse novo patamar de produtividade, será preciso vender sessenta camisas para se acumular os trinta minutos, o que antes se fazia com apenas trinta camisas⁵⁴. É nesse sentido o problema da queda da taxa de lucro e sua compensação pela massa de mercadorias vendidas.

A essa contradição está atrelado o percurso neocolonial, inclusive as guerras imperialistas, sendo disputado ao mesmo tempo o monopólio econômico-financeiro e o monopólio mundial da violência. A crise de 1929 pode ser compreendida, desse modo, como uma crise de superacumulação em que o consumo não a acompanhou, como subconsumo. Em solo brasileiro, Getúlio Vargas, o Estado portanto, comprava as sacas de café dos produtores nacionais, que haviam perdido o mercado consumidor externo diante da crise, e mandava queimá-las. O que temos são dois aspectos da produção capitalista: de um lado, não produz para atender necessidades materiais humanas; de outro, tem como aspecto central, des-

54 “Generalizando: quanto maior a produtividade do trabalho, tanto menor o tempo de trabalho requerido para produzir uma mercadoria, e, quanto menor a quantidade de trabalho que nela se cristaliza, tanto menor seu valor” (MARX, *O capital*, [A mercadoria], p. 62).

de seu nascimento, desenvolvimento até seus momentos de crise, a figura do Estado – capital e Estado são inseparáveis⁵⁵.

É nesse contexto que a guerra irá aparecer como uma potência social que, não realizada, volta-se contra si mesma, uma espécie de *contra si*, sendo a máquina militar de destruição o dique que escoo o capital latente, o torna manifesto como sintoma destrutivo. Aqui, o modelo da guerra está associado ao modelo de produção correspondente, o que irá propiciar uma superação da crise e um relativo bem-estar social europeu provisório, os trinta anos da ilha de bem-estar da guerra fria, no segundo pós-guerra: o modelo fordista. Este, além de ampliar a produção, amplia a demanda por trabalho, mobiliza uma massa de trabalhadores, como a guerra irá mobilizar a sociedade civil nesse contexto e, assim, propiciar a integração do trabalho com direitos sociais, acesso ao consumo, aos lazeres.

Outra é a situação que se inicia nos anos setenta (1970), com a reestruturação produtiva, a flexibilização do trabalho e do capital, quando começa a entrar em cena uma terceira revolução industrial, tecnológica: a microeletrônica. A partir de então, ao contrário do contexto fordista, passa a se reduzir drasticamente, em termos absolutos, a demanda por trabalho e, assim, a própria fonte do valor, sua substância. Além disso, entramos no contexto da globalização, em que o capital passa a dominar todo o espaço terrestre, consolidada com a queda da URSS. É nesse limiar que, dentre as contratendências do capital contra a crise, o aumento da exploração do trabalho, a redução dos salários etc., passa a

55 KURZ, *Últimos combates*, [A falta de autonomia do Estado e os limites da política], p. 91.

dominar o capital financeiro e a guerra permanente. Para Robert Kurz, entramos nos limites da modernização, de uma “barreira absoluta à valorização”⁵⁶ que tem como horizonte apenas o colapso, e como presente uma gestão emergencial da crise, de seu processo de barbárie. A unidimensionalidade do capital agora não diz mais respeito à integração, mas à desintegração, que começa pela desintegração do trabalho, tornado cada vez mais supérfluo junto com as populações.

O crédito, de agora em diante desregulamentado, passa a ser o consumidor do futuro, passa a jogar com os lucros futuros, dando sobrevida a uma máquina que passa a girar em falso⁵⁷. A pós-modernidade, sua liquidez e inconstância, a virtualização e a ficcionalização narcísicas podem ser compreendidas a partir desse momento. Estamos diante do limite externo do recobrimento de todo espaço terrestre, além da crise ambiental, que se casa com o limite interno da valorização e da integração pelo trabalho, sustentada pelo consumo do futuro a crédito, pelo consumo das expectativas futuras, esperando um Godot que não vem. É nesse contexto que o lastro em ouro do dólar como dinheiro mundial é substituído pelo seu lastro em armas. O presente torna-se uma guerra permanente que sustenta a mediação social do valor em crise.

56 KURZ, *Poder mundial e dinheiro mundial*, [Crise mundial e ignorância], p. 9.

57 “Se partimos do pressuposto de que o movimento das ações tem por conteúdo expectativas futuras na economia real, então os Estados Unidos já teriam capitalizado de antemão todo o crescimento do século 21: a economia atual do planeta só seria sustentada por intermédio do futuro antecipado dos Estados Unidos. (...) não existe mais futuro, porque sua substância foi consumida para a manutenção do presente capitalista. A liquidez com que, desde meados dos anos 90, os Estados Unidos aqueceram a economia mundial não pode mais manter em vida o conjunto da humanidade no próximo século sem lhe obstar as funções vitais” (KURZ, *Com todo vapor ao colapso*, [Capitalismo nas estrelas], p. 190).

3 RETORNO DO LEVIATÃ

*“Tenho apenas duas mãos
e o sentimento do mundo,
mas estou cheio de escravos,
minhas lembranças escorrem
e o corpo transige
na confluência do amor.*

*Quando me levantar, o céu
estará morto e saqueado,
eu mesmo estarei morto,
morto meu desejo, morto
o pântano sem acordes.*

*Os camaradas não disseram
que havia uma guerra
e era necessário
trazer fogo e alimento.
Sinto-me disperso,
anterior a fronteiras,
humildemente vos peço
que me perdoeis.*

*Quando os corpos passarem,
eu ficarei sozinho
desafiando a recordação
do sineiro, da viúva e do
microcopista
que habitavam a barraca
e não foram encontrados
ao amanhecer*

*esse amanhecer
mais noite que a noite”.*
(DRUMMOND, Sentimento do mundo).

3.2.1 *Prelúdio tupiniquim*

“Ao vencedor, as batatas!”, disse o filósofo Joaquim Borba dos Santos, o Quincas Borba, personagem de Machado de Assis, e fundou o *humanitismo*. A luta pela sobrevivência, na sua visão, seria produto de uma escassez natural, e a vida mera demonstração de força. Borba é uma expressão pitoresca, ao mesmo tempo séria e cômica, do modo como no século XIX alastrava-se na cultura uma compreensão naturalizante, biologizante da experiência social, aquilo que viria a ser chamado de *darwinismo social*.

Não custa lembrar que o território no qual Machado escreve sua prosa ganhará uma conformação nacional, a brasileira, a partir do modo como o militarismo dessas terras sairá vitorioso no *Paraguai* (1864-1870) e em *Canudos* (1896-1897), carregando nas suas entranhas a ideologia do progresso em sua matiz positivista. Não à toa a transição conciliada à República ter sido levada a cabo pelos marechais, que acabaram por inscrever na bandeira o emblema: ordem e progresso. O que não é outra coisa senão: segurança armada e desenvolvimento econômico. Positivismo, no sentido de uma naturalização do social, e guerra estão inseparavelmente articulados.

O que faz um autor brasileiro como Paulo Arantes, dialogando com os apontamentos do projeto *homo sacer* de Giorgio Agamben, associar o estado de emergência, de sítio ou de exceção a um estado de necessidade, a uma espécie de anterioridade da necessidade frente à liberdade da decisão política, é algo que pode nos ajudar a compreender o fenômeno da guerra em um sentido até, em um primeiro momento, aparentemente similar ao do primeiro filósofo, o Borba, mas precisamente distinto:

Por mais que Clausewitz tenha se esforçado por entroncar a violência cega da guerra na rota política da razão e da vontade, ela nunca deixou de emanar do reino mesmo da necessidade, expresso na ilimitação inerente a todo esforço bélico. Daí a relutância que os Estados pelo menos precisam aparentar quando lançam mão desse último recurso. Afirmar que a guerra é um mal necessário é mais do que apenas parolagem edificante, é admitir que ela procede dessa esfera inferior e tenebrosa em que as sociedades estão cruamente empenhadas em impedir sua destruição.⁵⁸

Existem dois possíveis caminhos para compreendermos a vigência desse *estado de necessidade* socialmente produzido. De um ponto de vista político-jurídico, está associado à emergência das lutas sociais proletárias no interior do Estado republicano burguês, instaurando a necessidade de sua contensão para além dos marcos da regulamentação jurídica – problema que pode ser estendido à questão indígena, das populações negras periféricas, dos imigrantes refugiados, e assim em diante. De um ponto de vista econômico-financeiro, está associado aos contextos de crise da forma de produção e de reprodução social baseada no capital. Por hora, precisamos nos ater apenas ao segundo ponto.

Se podemos tomar um paralelo histórico como ponto de partida para a compreensão do significado contemporâneo da guerra, esse paralelo está na semelhança entre o contexto do entreguerras, na primeira metade do século XX, e o contexto atual, as duas primeiras décadas do século XXI. O denominador comum de ambos chama-se: refluxo. O primeiro como refluxo do universalismo ocidental expresso

58 ARANTES, *Extinção*, [Diante da guerra], p. 27.

nos valores iluministas de igualdade, liberdade e racionalidade, de autonomia e felicidade a partir do progresso material da civilização industrial, no contexto da crise econômica de 1929, da mobilização nazifascista que lhe sucedeu e, enfim, na guerra mundial. O segundo como refluxo do discurso de integração mundial pelo mercado no contexto da globalização expresso nos atentados de 11 de setembro, na ocupação de Iraque e Afeganistão até seu ponto culminante na crise de 2008 e na intensificação da economia de guerra nas guerras civis pelo mundo, como no caso da Síria.

O movimento que está na base de ambos não é bem o da instância biopolítica, da relação entre poder soberano e vida nua enquanto relação de matabilidade, isso é uma expressão de um estado de coisas que tem sua origem na contradição entre o desenvolvimento das forças produtivas e o caráter das relações sociais de produção; precisaríamos, antes, de uma *crítica da economia política da guerra*. Precisariamos situar essa dimensão do problema recorrendo a Walter Benjamin, inserido no primeiro contexto, e seu diálogo com a crítica da economia política de Karl Marx; e recorrendo também a Paulo Arantes, inserido no segundo contexto, particularmente seu diálogo com o teórico e estrategista militar prussiano Carl von Clausewitz. Articulado a esses dois autores, poderíamos recorrer, enfim, aos apontamentos de Robert Kurz sobre a relação entre dinheiro mundial e poder mundial, entre o capital mundial e as suas guerras de ordenamento mundial.

3.2.2 Pacto entre Hydra e Leviatã

“(...) ontologia do antigo secretário de Defesa norte-americano Donald Rumsfeld: as coisas que nós sabemos que sabemos; as que nós sabemos que não sabemos; e, as mais inquietantes, as que nós não sabemos que não sabemos. Como estas últimas lhe tiravam o sono, acordava atirando a esmo (...)”.
(ARANTES, Depois de junho a paz será total).

Em outros tempos até se poderia dizer: busco uma morte honrosa. O *ethos* guerreiro fundamentou-se em uma época na qual a guerra seguia o mesmo princípio da atividade produtiva, o artesanal. Assim como ao “homem” cabia a virtude do bem fazer o seu ofício, a sua *tecné*, na guerra cabia ao guerreiro demonstrar sua coragem, sua força, sua destreza. A guerra era o momento de afirmação da potência individual e de um povo; ainda que atroz, permitia uma realização subjetiva e cultural.

Outra é a configuração da *guerra técnica*⁵⁹, que tem sua origem no invento e uso das armas de fogo e seu vértice na Grande Guerra (1914-1918), que modifica substancialmente as noções de tática e estratégia. Isso porque assim como na esfera da atividade produtiva, no caso do mundo moderno o *trabalho*⁶⁰, a maquinaria industrial vai gradativamente eliminando a centralidade do “homem” o tornando um apêndice

59 “Ei-la, a guerra: a guerra, tanto a ‘eterna’, de que tanto se fala, como a ‘última’ – a mais alta expressão da nação alemã. A essa altura, já deve ter ficado claro que atrás da guerra eterna há a ideia da guerra ritual e, atrás desta, a ideia da *guerra técnica*, e também que os autores não conseguiram compreender essas relações. Mas a última guerra tem uma característica especial. Ela não foi somente a guerra das batalhas de material, foi também a guerra perdida. Perdida, num sentido muito particular, pelos alemães” (BENJAMIN, *Magia e técnica, arte e política*, [Teorias do fascismo alemão], p. 64).

60 “O trabalho parece uma categoria muito simples. A representação do trabalho nessa universalidade – como trabalho em geral – também é muito antiga. Contudo, concebido economicamente nessa simplicidade, o ‘trabalho’ é uma categoria tão moderna quanto as relações que geram essa simples abstração (...)” (MARX, *Grundrisse*, [Introdução], pp. 57-58).

da máquina, seu supervisor, até o ponto atual de torná-lo cada vez mais supérfluo, na guerra o conflito passa a depender cada vez menos do “minúsculo corpo humano”⁶¹ e cada vez mais do aparato técnico-científico.

Na guerra de trincheiras não havia mais tarefa humana que não a imobilidade (imobilidade na infantaria), ao mesmo tempo em que a sociedade civil, o maquinário industrial, as redes de comunicação, enfim, todo o aparato produtivo, comunicativo, de transporte⁶² e humano era mobilizado massivamente para a destruição. A imobilidade no interior de uma cova quilométrica se contrastava com a mobilidade dos aeroplanos que arremessavam bombas e gás. Não há honra, não há virtude, não há um grande feito, apenas descarte e morte, silêncio e impotência diante do aparato destrutivo tornado maior que seu criador, a anulação do “homem” diante da máquina.

O limite desta anulação é posto no culminar da segunda Grande Guerra (1939-1945), com o lançamento das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki. Com ela a humanidade se encontra diante de sua pulsão autodestrutiva e a concebe como fenômeno estético de primeira ordem⁶³; a sua extinção, não mais o feito de um corpo estranho viajando

61 “Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos viu-se abandonada, sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de forças de correntes e explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano” (BENJAMIN, *Magia e técnica, arte e política*, [Experiência e pobreza], p. 115).

62 “A revolução no modo de produção da indústria e da agricultura tornou sobretudo necessária uma revolução nas condições gerais do processo social de produção, isto é, nos meios de comunicação e de transporte” (MARX, *O capital*, [Desenvolvimento da maquinaria], p. 440).

63 “A humanidade, que em Homero fora um dia objeto de contemplação para os deuses olímpicos, tornou-se objeto de sua própria contemplação. Sua autoalienação atingiu tal grau que se lhe torna possível vivenciar a sua própria aniquilação como um deleite estético de primeira ordem” (BENJAMIN, *Magia e técnica, arte e política*, [A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica], p. 94).

desde um lugar tão-tão distante, nem mesmo sua fraqueza em adaptar-se no curso da seleção natural das espécies, como feito seu, para consigo mesma, torna-se iminente, presente, e faz soar um alarme que soa sessenta vezes a cada minuto, instaurando o tempo da emergência, fazendo iniciar a abertura dos sete selos, uma contagem regressiva até o dia da consumação não redentora dos tempos.

No final das contas, as guerras mundiais, tais como se apresentaram na primeira metade do século XX, são produto de algo denominado *imperialismo*. A *corrida do ouro* pelo monopólio econômico, consolidado pelo mercado financeiro, que se estende, funda e é fundado, na disputa pelo monopólio da violência, esse o significado da primeira Grande Guerra. No conflito subsequente, a segunda Grande Guerra, entra em cena o elemento nem tão novo da crise econômico-financeira, em que a guerra se apresenta como a salvaguarda da valorização do capital, a indústria bélica, a mobilização das forças produtivas para a destruição, como o ponto de sustentação da magia do mundo moderno: $D - M - D'$. Seu milagre de consubstanciação do valor, como representação abstrata do trabalho, em dinheiro, e de sua multiplicação em mais dinheiro, esse o significado de capital.

Após o lançamento da Bomba (atômica), abre-se o período no qual vivemos até hoje. A potência nacional que se sobressai no conflito mundial chama-se Estados Unidos, que detém uma vitória financeira, no financiamento da reconstrução das nações perdedoras, e militar, a primeira a fabricar e usar a Bomba. No entanto, esta potência não aparece sem uma força oposta, o bloco da economia de comando estatal

soviética, a URSS. É esta polarização, e a impossibilidade de um conflito direto entre as forças destrutivas e os exércitos nacionais dos sistemas de Estado vitoriosos, que instaura o período conhecido por guerra fria. É a partir daqui que a guerra entre nações passa a dar lugar à guerra civil, às guerras por procuração, à produção do globo terrestre como espaço de ocupação e conflito⁶⁴.

A polarização da guerra fria se dissolve quando da queda do muro de Berlim e desmanche da URSS, entrando em cena a globalização hegemônica e assimétrica do capitalismo à americana. É por isso que logo em seguida, nos anos noventa (1990), forma-se o bloco da União Europeia, com integração política e econômica e moeda própria, o euro, sem, no entanto, poder fazer frente ao domínio assimétrico americano. O mesmo intuito se faz presente quando o bloco dos países emergentes, BRICS⁶⁵, entra na cena da economia mundial no contexto da crise econômico-financeira americana, em 2008, sedimentada no significado da desregulamentação financeira desde os anos de 1970 – o significado da suspensão do padrão ouro ao *padrão dólar-armamento* como lastro do câmbio mundial⁶⁶ – e estourada a partir da crise no setor imobiliário, e da subsequente crise de insolvên-

64 “Não só há anos nenhuma guerra é mais declarada (realizando assim a profecia de Schmitt, segundo a qual toda guerra se tornaria no nosso tempo uma guerra civil), mas até mesmo a invasão aberta de um Estado soberano pode ser apresentada como a execução de um ato de jurisdição interna” (AGAMBEN, *Meios sem fim*, p. 83).

65 Bloco de cooperação econômica e política dos países emergentes Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

66 “O dólar conservou a sua função de dinheiro mundial ao metamorfosear-se de dólar-ouro em dólar-armamento. E o caráter estratégico das guerras de ordenamento mundial, nos anos 1990 e após a virada do século, no Oriente Médio, nos Balcãs e no Afeganistão, consistia em primeira linha em perpetuar o mito do ‘porto seguro’ e, com ele, o dólar como moeda mundial através da demonstração de capacidade de intervenção militar global” (KURZ, *Poder mundial e dinheiro mundial*, pp. 28-29).

cia do euro na relação entre a Alemanha credora e os países sulistas, PIGS⁶⁷, endividados. Tanto o bloco da UE quanto o bloco BRICS não conseguem fazer frente ao monopólio econômico-financeiro-militar americano⁶⁸, pois seu significado diz respeito ao modo como o padrão de valorização do capital mundial está sustentado na produção de guerras de ordenamento mundial.

Assim, não é bem a mudança de paradigma na política com o eventos de Auschwitz ou do 11 de setembro que precisam ser postos como fio condutor, mas o significado da contradição apontada por Marx entre o desenvolvimento técnico, das forças produtivas e o tempo de trabalho socialmente necessário (dinheiro não é mais do que um desdobramento seu) para a produção das mercadorias em um determinado nível dessa produtividade como a contradição interna, o móvel, a pulsão lógico-histórica do capital (dinheiro que se valoriza mediante o processo produtivo ou especula lucros futuros) que nos permite situar o significado das crises de 1929 e de 2008. A soberania política marcada pela exceção, pela emergência é um sintoma, funda e é fundada, pelo desdobramento dessa pulsão.

67 Portugal, Itália, Irlanda, Grécia e Espanha.

68 “O aparelho militar norte-americano, edificado nos tempos do *boom* do pós-guerra, não tem concorrência. Ano após ano, o orçamento militar dos Estados Unidos é mais de vinte vezes superior ao alemão. Não existem condições nem militares, nem políticas, nem econômicas para uma nova potência concorrente” (KURZ, *Poder mundial e dinheiro mundial*, [Imperialismo de crise], p. 43). Poderíamos colocar, aqui, a questão de até que ponto a China, entre as civilizações mais antigas da Terra, poderia reaparecer no cenário do fim da história como a última potência ao lado dos Estados Unidos. Precisaríamos, para respondê-la, levar em consideração o apontamento de Kurz a respeito de dois circuitos de déficit, predominantes no contexto da globalização do capital: “Cresce o buraco negro entre a criação de valor real no passado e o futuro ficticiamente antecipado. Esta construção de uma conjuntura de déficit global tem dois eixos principais: um maior, o circuito de déficit do Pacífico, entre China/Ásia Oriental e Estados Unidos, e um menor, entre a Alemanha e o restante da União Europeia, ou melhor, a Zona do Euro” (KURZ, *Poder mundial e dinheiro mundial*, [O clímax do capitalismo], p. 110).

Isso porque não é bem, como diria Clausewitz, situado em período de guerra simétrica, de reconhecimento jurídico do outro (Estado) e equivalência militar, a guerra que é uma continuação da política por outros meios, ou mesmo, como nos diz Paulo Arantes, que hoje, num contexto de guerra assimétrica, de não reconhecimento do outro (Estado), de permanente ocupação militar e *caça*⁶⁹ dos inimigos (pois não se trata bem de um conflito, que pressupõe forças similares em condições de disputa), é a política que se apresenta como continuação da guerra por outros meios; mas sim de compreender, como nos lembra Kurz, que a guerra é a continuação da concorrência econômica por outros meios.

Mas assim como a primeira Grande Guerra não foi consequência imediata de uma crise, o 11 de setembro também não o foi. Ainda assim, podemos retomar a articulação entre o contexto do entreguerras e o nosso. Não sem antes apontar a dimensão política do problema. O que faz um autor como Carl Schmitt colocar a exceção como conteúdo, como fundamento da norma, não se separa da sua compreensão do próprio contexto excepcional do entreguerras. No caso do 11 de setembro, já temos, como diz Paulo Arantes, um estado de necessidade (que funda a emergência) desejado⁷⁰. Isso porque enquanto as crises e conflitos nos

69 “Desde os primeiros dias que se seguiram ao 11 de Setembro, George W. Bush prevenira: os Estados Unidos iam se lançar em um novo tipo de guerra, ‘uma guerra que requer de nossa parte uma caça ao homem internacional’. O que a princípio soava simplesmente como um slogan pitoresco de caubói texano foi depois convertido em doutrina de Estado, com especialistas, planos e armas. Em uma década constituiu-se uma forma não convencional de violência de Estado que combina as características díspares da guerra e da operação de polícia, e que encontra sua unidade conceitual e prática na noção de caça ao homem militarizada” (CHAMAYOU, *Teoria do drone*, [Princípios teóricos da caça ao homem], p. 41).

70 “A guerra do Iraque não veio a nosso encontro. Ela não ‘estourou’, como se dizia em tempos que hoje parecem antediluvianos. Aliás, nenhuma das atuais guerras norte-americanas ‘eclodiu’.

quais estava situado Carl Schmitt, como nos lembra Arantes, estouravam, eram acontecimentos imprevisíveis, assim como temporalmente situados, já que, como fala Clausewitz a respeito da *guerra real*, trata-se de um conflito simétrico que caminha para uma resolução, algum vitorioso, a figura atual da guerra, o estado de sítio (poder soberano que costuma ser conferido à autoridade militar) não mais como fenômeno apenas interno, mas mundial, uma soberania militar mundial, se apresenta como algo planejado, quisto, pois trata-se de um mecanismo de fim em si mesmo, um estado de exceção militar permanente e infinito, pois fundado na assimetria, na impossibilidade de uma resposta equivalente, como uma doutrina de segurança autofundadora.

É importante perceber que a primeira guerra que marcará o novo período da assimetria, no contexto da globalização do capital, é a Guerra do Golfo (1990-1991). Ela marca, de um lado, a mudança da figura do inimigo (não mais o comunismo, mas agora certas nações e povos associados ao terrorismo; mudança fundamental no sentido da geopolítica econômica: a disputa por recursos estratégicos, ou ao seu *acesso*), e de outro, tem ainda uma aval, um reconhecimento de sua justeza frente ao direito internacional, ao conselho de segurança da ONU, e assim em diante, pois foi uma resposta à ocupação do Kuwait por Saddam Hussein liderando o Iraque – é bom não esquecer como a *crise do petróleo* marca

Muito menos essa. (...) Trata-se, em suma, de uma guerra preventiva, como se diz na doutrina oficializada em setembro de 2002. (...) Era de se imaginar, desde que a ideia bárbara de guerra justa voltou a circular a partir da Guerra do Golfo. Assim, não pode mesmo 'estourar' – a menos que se tenha em mente uma operação relâmpago de 'decapitação', no pentágono do dia – uma guerra por tanto tempo 'desejada e planejada', como lamenta o pró-norte-americano confesso Günter Grass, acabrunhado com a decadência moral da primeira potência planetária" (ARANTES, *Extinção*, [Diante da guerra], p. 26).

a entrada em cena no novo período. Com o 11 de setembro, retoma-se uma antiga lição de Estado, o *terrorismo indireto*⁷¹, que vigora até hoje (da antiga *Al Qaeda* até o atual *Estado Islâmico*), e funda-se uma espécie de missão civilizatória, humanitária a partir de um maniqueísmo de bem e de mal, como se estivéssemos retornando aos tempos das *Cruzadas*, das guerras santas e, assim, como o outro não é nem gente, nem um ser a ser reconhecido, como há uma justificação moral, então não há que se seguir ordenamento algum, trata-se apenas de uma autolegitimação da força, para sustentar os padrões de rentabilidade e perpetuar-se como potência, perpetuando e sustentado, assim, a acumulação global de capital. Entramos aqui na *Doutrina Bush*, na sua *Doutrina de Segurança Nacional*, na *guerra preventiva e permanente* (sua outra face é a guerra ao narcotráfico) que talvez seja a espinha dorsal de como o Leviatã vai tentar salvar o mundo da barbárie, afundando-se nela.

É como se o 11 de setembro, como desejo pelo estado de necessidade, de emergência, fosse já uma antevisão, uma preparação para a gestão da barbárie que é a incapacidade de integrar parcelas cada vez maiores da população, seu processo de desmanche pelo trabalho, de desintegração social, com o

71 “Todos os atos de terrorismo, todos os atentados que tiveram e têm poder sobre a fantasia dos homens, foram e são ações ofensivas ou ações defensivas. Se fazem parte de uma estratégia ofensiva, a experiência há muito demonstrou que estão sempre condenados ao malogro. Se, pelo contrário, fazem parte de uma estratégia defensiva, a experiência mostra que estes atos podem obter algum sucesso, que no entanto é momentâneo e precário. (...) são sempre e unicamente os Estados que recorrem ao terrorismo defensivo, quer porque se encontram mergulhados em uma grave crise social, como o Estado italiano, quer porque a temem como o Estado alemão. O terrorismo defensivo dos Estados é por eles praticado direta ou indiretamente, com as suas próprias armas ou com as de outrem. Se os Estados recorrerem ao terrorismo direto, o mesmo será dirigido contra a população (...) Se, pelo contrário os Estados decidirem recorrer a um terrorismo indireto, este deverá parecer dirigido contra o próprio Estado” (SANGUINETTI, *Do terrorismo e do Estado*, pp. 76-77).

desmanche do *Estado bem estar social* e aumento do paradigma securitário, do velho problema da segurança como legitimadora do pleno poder, da polícia política que marca o atual estado de guerra contra as populações pobres, desempregadas, periféricas, imigrantes, negras, em situação de rua, indígenas e assim em diante. Não se trata bem de um desejo subjetivo, porque o soberano não decide por vontade própria, mas como resposta a um estado de emergência, de necessidade, que bem pode ser desejado, ou que necessita ser desejado. O fato é que sem o complexo industrial-militar não haveria como sustentar os níveis de rentabilidade do capital mundial; sem guerra, especulação e superexploração (mais valia não apenas relativa, mas absoluta) do que resta de postos de trabalho. Com o estouro da crise de 2008, é como se o Leviatã selasse a todo custo seu pacto de sangue com a Hydra capitalista.

Aquilo que se desdobrou de guerra civil de 2008 até aqui precisa ser visto em sua relação com a resposta mundial à crise interna da maior potência capitalista do globo, e de seu papel na máquina de valorização mundial. Guerra civil na Ucrânia, na Síria, em países do continente africano, na Venezuela; golpes parlamentares na América Latina; desmanche da exploração e dos rendimentos nacionais de reservas de petróleo⁷², recursos estratégicos, desmonte do social para o pagamento de dívida com o mercado financeiro, o mercado de ações que rege os níveis de investimento a nível

72 “Vista desse ângulo, a atual guerra por energia fóssil – ou, se preferirmos, para lastrear pelo poder das armas o dinheiro mundial, também ele *under attack* – produz igual dose de entropia e caos sistêmico, como uma nova desertificação” (ARANTES, *Extinção*, [Diante da guerra], p. 27). “O que está em causa é menos o fluxo material do petróleo, que estaria garantido mesmo sem a intervenção militar, mas a salvação dos mercados financeiros no curto prazo” (KURZ, *Poder mundial e dinheiro mundial*, [Imperialismo de crise], p. 47).

mundial, e assim em diante. A crise de refugiados, de imigrantes, que nos lembra os tempos de Auschwitz e da seca nordestina, está sendo produzida no interior dessa dinâmica. Onde estamos? Que horas são? Como anda a situação no *front* desse limiar histórico? São questões que merecem ser desdobradas.

No lado interno da guerra, a guerra ao narcotráfico, o tráfico de armas e de drogas, como dispositivo para se lidar com uma população indesejada, pois supérflua, desnecessária, o resto rejeitado pela imagem de felicidade que uma civilização decadente forjou como seu sonho, sua imagem de perfeição, como a marca central de um mercado altamente rentável. A emergência nos países da América Latina é inseparável de sua guerra aos pobres como guerra às drogas, inseparável do encarceramento e do extermínio; particularmente no Brasil, inseparável da herança da fratura entre *casa-grande e senzala-quilombo*, inseparável do fato de a mão de obra negra recém liberta não ter sido integrada no trabalho assalariado, e sim a imigrante. Essa é a face da nossa guerra interna.

4 PONTOS LUMINOSOS – MOSCAS VOLANTES

“A imagem dialética não copia simplesmente o sonho – jamais foi minha intenção afirmar isso. Mas me parece claro que ela contém as instâncias, as irrupções da vigília, e que é precisamente a partir desses loci que é criada sua figura, como a de uma constelação a partir dos pontos luminosos. Aqui também, portanto, um arco precisa ser retesado, e uma dialética forjada: aquela entre imagem e vigília”.

(BENJAMIN, Correspondência)

4.1 CONTEXTO HISTÓRICO E REFERÊNCIAS

Em 2008 estoura a crise financeira a partir das hipotecas no setor imobiliário norte-americano. Em 2011 acontecem os levantes sociais pelo mundo, em 2013 por aqui. O contraste é termos no centro norte-americano e europeu a recessão, e na periferia dos BRICS, crescimento. Mas logo isso se reverteu, a crise veio do centro à periferia. Algumas das ferramentas teóricas e práticas que podem nos ajudar a situar o problema são as seguintes: a reinterpretção da crítica da economia política de Karl Marx elaborada por Robert Kurz no contexto da substituição do trabalho vivo, humano, pelo trabalho morto, o maquinário automatizado, com a entrada da terceira revolução industrial (estamos agora diante de uma quarta revolução industrial⁷³), base para a sua interpretação do processo de crise e desmanche que marca nossa

73 SCHWAB, Klaus. *A quarta revolução industrial*. Trad. Daniel Moreira. São Paulo: Edipro, 2016.

época; a agitação da Internacional Situacionista na França do segundo pós-guerra, a sua não participação no espetáculo do fim do mundo, e contribuição para o fim do mundo do espetáculo, mais especificamente as contribuições do francês Guy Debord, que trata do *espetáculo integrado*, e do italiano Gianfranco Sanguinetti, que trata do *terrorismo de Estado* na Itália dos anos setenta (1970); ainda no segundo pós-guerra, o problema da *dessublimação repressiva* contido nas contribuições de Herbert Marcuse sobre a unidimensionalidade do capital; o pensamento de Walter Benjamin, o mago; e o de Paulo Arantes, o sismógrafo do tempo da emergência.

4.2 BENJAMIN, O MAGO; ARANTES, O SISMÓGRAFO DO TEMPO DA EMERGÊNCIA

Arantes não é um sismógrafo, no sentido do espaço; ele lê o tempo. Seu pensamento é uma espécie de sismógrafo para o tempo. Existe um texto de Benjamin, seu *ensaio sobre o surrealismo*, que fala do “tic-tac” de um relógio, “de um despertador, que soa durante sessenta segundos, cada minuto”⁷⁴. É essa a imagem de Arantes. É o alarme que não para de soar, pra todo lado, nas grandes cidades tumultuadas pelas sirenes de ambulância, de polícia, pelas buzinas de ônibus, moto, carro, e gente falando em línguas distintas, indiscerníveis, não porque falam assuntos diversos, já que até podem ser os mesmos assuntos, mas é que os sons apenas

74 BENJAMIN, *Magia e técnica, arte e política, [O surrealismo]*, p. 35.

se cruzam, não se tocam, não se comunicam. Arantes viu no ambulatório emergencial o fenômeno político do nosso tempo: “o paradigma da política só pode ser a medicina de urgência”⁷⁵. E somos nós mesmos o moribundo e o médico, e somos nós mesmos o paciente e o doutor. Ninguém sabe quando a ampulheta termina, enfim, de baixar a areia, ninguém sabe aonde isso vai dar.

Benjamin é o anjo. É o mago que invoca o anjo, na verdade. Não é um bruxo, porque experimentou a queda e aprendeu a respeitar os limites da magia – não podemos esquecer que o feiticeiro lida com a vontade, enquanto o mago lida com a palavra⁷⁶. É no meio ambiente da palavra que Benjamin invoca o anjo da história⁷⁷. Seus elementos são os destroços, os cacos do tempo. São os estilhaços das gerações derrotadas. É preciso ouvir o silêncio na história, proveniente de um silenciamento. Nesse sentido, a história é um acúmulo não de progresso, como pretende a moderna filosofia da história, mas de catástrofes se a olharmos do ponto de vista dos oprimidos, e são seus destroços, suas memórias,

75 ARANTES, *O novo tempo do mundo*, [Alarme de incêndio no gueto francês], p. 261.

76 “(...) toda língua se comunica em si mesma; ela é, no sentido mais puro, o meio [*Medium*] da comunicação. A característica própria do meio, isto é, a imediatidade de toda comunicação espiritual, é o problema fundamental da teoria da linguagem, e, se quisermos chamar de mágica essa imediatidade, então o problema originário da linguagem será a sua magia” (BENJAMIN, *Escritos sobre mito e linguagem*, [Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem], p. 54).

77 “Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso” (BENJAMIN, *Magia e técnica, arte e política*, [Sobre o conceito de história], p. 226).

que podem redimir. E esses destroços se tornam no pensamento uma das belas artes, como um mosaico: “As alegorias são, no reino dos pensamentos, o que as ruínas são no reino das coisas”⁷⁸. É barroco. É um palco histórico-natural atravessado pelo sagrado e pelo profano, pelo amor ao pecado e o anseio de redenção. Só um mago consegue mobilizar a força de elementos díspares e, ainda assim, emanar sua força às gerações presentes.

4.3 TEMPO DA EMERGÊNCIA

A emergência é o retorno do recalcado – o retorno do recalcado entre a economia da pulsão e a pulsão da economia. Vamos traduzir a *psique* humana de modo simples, pois é o único modo que podemos, aqui, traduzi-la. Todo desejo, vontade, ou mais precisamente, toda *pulsão* (*Trieb*) lida com a repressão, o limite. Só há consciência, ego, eu, porque há uma internalização desse limite, dessa repressão. É a condição da *individuação*. O psicótico é aquele indivíduo que não internalizou a repressão, então seu inconsciente fica exposto a céu aberto. O neurótico é mais tedioso, porque perdeu a realidade não apenas por introjetá-la, mas justamente por-

78 “A fisionomia alegórica da história natural, que o drama trágico [barroco] coloca em cena, está realmente presente sob a forma da ruína. Com ela, a história transferiu-se de forma sensível para o palco. Assim configurada, a história não se revela como processo de uma vida eterna, mas antes como o progredir de um inevitável declínio. Com isso, a alegoria coloca-se declaradamente para lá da beleza. As alegorias são, no reino dos pensamentos, o que as ruínas são no reino das coisas”. (BENJAMIN, *Origem do drama trágico alemão*, pp. 192-193). A rigor, a alegoria como linguagem que marca o drama barroco não é da ordem da bela arte, da bela aparência: “Nisto, o Barroco revela-se como soberana antítese do Classicismo, lugar até agora atribuído apenas ao Romantismo” (BENJAMIN, *Origem do drama trágico alemão*, p. 190).

que a introjetou a tal ponto que se apegou à falta, a tal da *castração*. No final das contas, são duas formas distintas de perder o *real*, diz Freud⁷⁹. Se é que é possível tê-lo.

Todo Estado é paranoico. A paranoia é um delírio neurótico. É a psicose do neurótico. Há uma obsessão, uma espécie de *ideia fixa* – “Deus te livre, leitor, de uma ideia fixa”, nos lembra Machado de Assis em suas *Memórias Póstumas de Brás Cubas* –, uma “noia” paralela ao real. Uma percepção do mundo que não é o mundo, mas faz todo o mundo confirmar essa percepção, essa ideia. A paranoia do Estado é a figura do inimigo. Real ou fantasia, não importa, é com base nela que ele atua. É a ameaça do inimigo que o faz mobilizar todo seu arsenal repressivo e destrutivo, de vigilância, controle e extermínio, para contê-la. Isso se dá, dependendo do contexto histórico, com uma forma de dominação não apenas pela repressão, mas pelo gozo, pelo princípio de prazer; isso quem nos diz é Herbert Marcuse, com o problema da *dessublimação repressiva*⁸⁰.

79 “(...) na neurose, um fragmento da realidade é evitado por uma espécie de fuga, ao passo que na psicose, a fuga inicial é sucedida por uma fase ativa de remodelamento; na neurose, a obediência inicial é sucedida por uma tentativa adiada de fuga. Ou ainda, expresso de outro modo: a neurose não repudia a realidade, apenas a ignora; a psicose a repudia e tenta substituí-la” (FREUD, *A perda da realidade na neurose e psicose*. Disponível em: <<https://chasqueweb.ufrgs.br/~stomp/psicanalise/freud-perda-realidade-neurose-psicose.htm>> Acesso em: 24 fev. 2021.).

80 “O escopo da satisfação socialmente permissível e desejável é enormemente ampliado, mas através dessa satisfação, o Princípio de Prazer é reduzido – privado das exigências que são irreconciliáveis com a sociedade estabelecida. O prazer, assim ajustado, gera submissão” (MARCUSE, *O homem unidimensional*, [A conquista da consciência infeliz: dessublimação repressiva], p. 100). Talvez possamos dizer que no segundo pós-guerra se concilia o princípio de realidade da produção (mais valor como equivalente de mais repressão), e do trabalho em geral, e o princípio de prazer do consumo (surge a publicidade como imperativo de mais gozar, por exemplo). Hoje, teríamos um princípio de prazer, no sentido dominante de um imperativo de mais gozar, análogo ao crédito, ou seja, supostamente sem a necessidade do trabalho, da repressão, do princípio de realidade. Esse princípio de prazer é, assim, talvez tão vazio quanto o crédito, constituindo uma subjetividade que, como no caso da guerra, encena a sua própria destruição como fenômeno estético. No caso do princípio de realidade, teríamos aquilo que Byung-Chul Han denomina de “sociedade do cansaço”.

No contexto da relativa integração do *Estado de bem-estar social* europeu, no segundo pós-guerra, integrava-se a possível ameaça, o proletariado, dando-lhe lugar no consumo e nos lazeres, dando-lhe a participação nos resultados da produção. O prazer deste acesso e a liberação dos costumes são a forma de captura da consciência, da subjetividade. Felizes com a participação nos lucros estão os trabalhadores. No entanto, enquanto existem ilhas de bem-estar nos grandes centros, também existem as paisagens destruídas que são reprimidas e recalçadas, esquecidas, na periferia do mundo. No contexto da desintegração desse relativo bem-estar a partir dos anos setenta (1970), intensifica-se a repressão em um permanente *estado de guerra*, um *estado de natureza* socialmente produzido, expresso pontualmente no dispositivo constitucional do *estado de sítio*, mas, sobretudo, em um perpétuo, em um crônico tempo de emergências. Esse estado de guerra surge, portanto, tanto como falência interna da pulsão econômica, quanto como paranoia de permanente ameaça.

4.4 CRISE DA PULSÃO ECONÔMICA

É preciso saber o que é o capital. Soa estranho falarmos em *capital fixo*, porque o capital é, antes, uma relação social, e não os meios de produção, e não a força produtiva. Essa relação social é, à sua maneira, teológica, mágica, anímica. Ela faz todo dia um milagre, põe todo dia seus mantras na rádio, e tem também seus autos de fé, e sacrifícios. Sua pa-

lavra mágica é: $D - M - D'$: dinheiro, trabalho produtor de mercadorias, mais dinheiro. Tem que ser na produção, porque mais dinheiro no comércio, na circulação, é lucro comercial. É uma vigarice de comprar algo por um preço e revendê-lo mais caro; ou melhor, não é bem uma vigarice porque não somos da Igreja Católica nos tempos da Inquisição, a criatura está tirando a parte dela. Mas não é capital produtivo, não é um mais-valor produzido, é uma quantia a mais de dinheiro retirada da troca de mercadorias⁸¹. Marx vai dizer que mais-valor só há na troca entre capital e trabalho, é o lucro do capital produtivo, o salário não pago, o tempo de trabalho como valor expresso em dinheiro no preço das coisas, da própria atividade produtiva como coisa, como mercadoria.

Esse problema é central; a crise tem a ver com ele, o extermínio também. Tem quem considere que o grande problema é o capital financeiro, que entra no jogo antecipando os lucros futuros do capital produtivo fazendo com que dinheiro (D) se torne mais dinheiro (D') sem passar pela mediação do processo produtivo (M): $D - D'$. Marx chamou isso de fetichismo, na forma de juros do capital, mas fetiche é a própria relação social, que coisifica tudo. Nós falamos e executamos a todo momento a ordem das coisas: “compre

81 “Historicamente sucedeu que o lucro se obteve primeiro pela venda de mercadorias a preços superiores aos da respectiva compra, ou seja, por intermédio de operações comerciais, sobretudo no tráfico marítimo e de longo curso. O empréstimo a juros é uma outra forma muito antiga de obtenção de lucros. Num caso como no outro trata-se de uma espécie de vigarice que alguém faz à custa de outro alguém, e se todos os sujeitos econômicos agissem assim uns com os outros, não sobraria, a um nível global, lucro algum. A transformação de uma soma inicial de dinheiro numa soma superior pela intermediação de uma mercadoria só pode tornar-se princípio basilar de uma sociedade quando essa mercadoria é de uma natureza muito particular: tem que tratar-se da própria mercadoria que cria o valor. Essa mercadoria é o trabalho; ou, mais rigorosamente, a faculdade de trabalho” (JAPPE, *As aventuras da mercadoria*, pp. 83-84).

batom – compre batom”. No contexto da substituição massiva do trabalho pela técnica a *taxa de lucro* cai sem poder ser compensada pela *massa de lucro*, tanto porque não há mais território a se conquistar na globalização, quanto porque a própria fonte da valorização, o trabalho humano, é escasseada. O sistema do crédito então assume a centralidade como um marcapasso no coração de um cardíaco. O capital financeiro não adoece o capital produtivo, ele lhe dá uma sobrevida ficcional, mas de efeito real⁸². É esse o limiar da exclusão social, da falência, do alarme de emergência. É esse o nó do nosso tempo.

4.5 SUBJETIVIDADE

Costuma-se falar em consciência de classe para se discutir a subjetividade, mas a classe está sendo pulverizada, seja no microempreendedorismo, nas precarizações, na exclusão da participação em qualquer forma de trabalho, base para qualquer reconhecimento de cidadania⁸³. Nesse sentido, tal-

82 “(...) o capital prolonga a sua vida para lá dos seus limites reais consumindo antecipadamente o seu futuro, isto é, vivendo a crédito. (...) o dinheiro mais não é do que a encarnação do trabalho abstrato despendido no interior de processos de valorização suficientemente rentáveis (...) A redução drástica do trabalho produtivo à escala global faz igualmente com que o dinheiro perca a sua substância: o dinheiro torna-se ‘não válido’ (...) Até o final do ciclo fordista, a especulação financeira seguia mais ou menos o ritmo e as dimensões da acumulação real. Tudo isso mudou enormemente a partir do momento em que a acumulação real, apesar de todos os créditos, estagnou. A partir de então, o recurso ao crédito serve para estimular uma acumulação inexistente e para prolongar artificialmente a vida de um modo de produção que já está morto” (JAPPE, *As aventuras da mercadoria*, pp. 148-150).

83 “Hoje em dia, contudo, há populações inteiras que já não são ‘úteis’ para a lógica da valorização. Já não se trata de um exército crescente de proletários, mas sim de uma humanidade supérflua: eis o estádio final do capitalismo ao qual ele é conduzido pela necessidade contínua de criar mais-valia” (JAPPE, *As aventuras da mercadoria*, p. 156)

vez seja preciso pensarmos no ponto de vista dos *oprimidos*, que nos fala Benjamin e Paulo Freire. São todos os pisados e silenciados. A noção de classe veio sempre de par com a de sujeito que iria guiar o processo social como processo político, deixando outros setores ainda na base da pirâmide social. Sobre essa questão existe uma polêmica entre Bakunin e Marx após a expulsão do primeiro da *Internacional* (dos Trabalhadores) que é bastante significativa⁸⁴. Esse mesmo problema se (re)apresenta, à sua maneira, nas periferias, na retomada da ancestralidade africana, nas questões de gênero.

É um terreno complicado. Talvez Adorno esteja certo em sua *dialética negativa*: não há positivo imanente. Só há possibilidade de positivo, de diferença, de múltiplo, a partir da negatividade, a partir da deposição da forma de vida atual. Mas isso não é feito se já não se estiver caminhando em meios abertos, plurais, horizontais: “já não [se] pode combater a alienação sob formas alienadas”⁸⁵. E há também um conflito de força, um problema tático-estratégico que exige sempre uma certa unidade. São questões muito em

84 “Existe nesse programa uma outra expressão que nos é profundamente antipática (...) é o proletariado, o mundo dos trabalhadores apresentado como classe, não como massa. Sabeis o que isso significa? Nem mais nem menos que uma nova aristocracia, a dos operários das fábricas e das cidades, à exclusão dos milhões que constituem o proletariado dos campos e que, nas previsões dos Senhores social-democratas da Alemanha, tornar-se-ão propriamente os súditos em seu grande Estado pretensamente popular” (BAKUNIN, *Escritos contra Marx*, pp. 36-37). Podemos retomar também uma passagem de Marx em sua juventude para contribuir nesse ponto: “Toda emancipação é uma [restituição] do mundo humano e suas relações ao próprio homem. A emancipação política é a redução do homem, por um lado, a membro da sociedade [civil-burguesa], a indivíduo egoísta independente e, por outro, a cidadão, a pessoa moral. Mas a emancipação humana só estará plenamente realizada quando o homem individual real tiver recuperado para si o cidadão abstrato e se tornado ente genérico na qualidade de homem individual na sua vida empírica, no seu trabalho individual, nas suas relações individuais, quando o homem tiver reconhecido e organizado suas ‘*forces propres*’ (próprias forças) como forças sociais e, em consequência, não mais separar de si mesmo a força social na forma de força política” (MARX, *Sobre a questão judaica*, p. 54).

85 DEBORD, *A sociedade do espetáculo*, p. 85.

aberto. É preciso ir além do decrescimento das expectativas, é preciso encontrar nos desesperançados, como diria o mago Benjamin, a força da esperança presente⁸⁶.

4.6 TEORIA SOCIAL CRÍTICA E MÉTODO

Em Benjamin há uma dialética, mas de outro tipo, imagética⁸⁷. Ainda não temos, aqui, como fio condutor – como fio da meada – a apresentação da dialética nos termos de Marx, na sua *Introdução da Contribuição para a crítica da economia política*: a redução analítica de um todo indiferenciado, a população, aos seus elementos mais simples, constitutivos, como a propriedade, o valor de troca, as classes sociais, o trabalho abstrato, para a partir desse arcabouço categorial, conceitual, retornar numa síntese à compreensão do concreto como todo articulado, ao real como “síntese de múltiplas determinações”⁸⁸. É como se não fosse mais possível a síntese, talvez Adorno tenha algo a dizer sobre isso em sua *dialética negativa*⁸⁹. Drummond diz: “Visito os fatos, não te encontro. Onde te ocultas, precária síntese, penhor de

86 “Apenas em virtude dos desesperançados nos é concedida a esperança” (BENJAMIN, *Escritos sobre Goethe*, [As afinidades eletivas de Goethe], p. 121).

87 “Esboçar a história das *Passagens* conforme o seu desenvolvimento. Seu componente propriamente problemático: não renunciar a nada que possa demonstrar que a apresentação materialista da história é imagética [*bildhaft*] num sentido superior que a representação tradicional” (BENJAMIN, *Passagens*, [N 3, 3], p. 505).

88 MARX, *Grundrisse*, [Introdução], p. 54.

89 “A expressão ‘dialética negativa’ subverte a tradição. Já em Platão, ‘dialética’ procura fazer com que algo positivo se estabeleça por meio do pensamento da negação; mais tarde, a figura de uma negação da negação denominou exatamente isso. O presente livro gostaria de libertar a dialética de tal natureza afirmativa, sem perder nada em determinação” (ADORNO, *Dialética negativa*, [Prefácio], p. 7).

meu sono, luz dormindo acesa na varanda?”⁹⁰. É como se se tratasse de um despertar histórico⁹¹, como queria Benjamin no seu último projeto inacabado, as *Passagens*, daquelas imagens provenientes da tensão entre vigília e sonho, ou da imagem do sonho coletivo depurada, de uma interpretação do sonho coletivo expresso em sua cultura⁹². É que existe um problema não resolvido, o da recepção bifurcada que fazem Adorno e Benjamin da dialética de Marx.

O que podemos ter em vista é que não se trata, aqui, de buscar uma imagem da história proveniente da *tradição dos oprimidos*, capaz de tensionar o sono da consciência e despertá-la em uma determinada situação de perigo. Mas também não é uma imagem empática com o *cortejo triunfal dos vencedores*⁹³. É como se, no refluxo, no contexto da crise econômico-financeira e da reação política, ao se esfregar os olhos, o que se visse fosse apenas uma doença social crônica e seus sintomas, e poucas esperanças, poucas utopias, curtas expectativas. Um corpo social com marcapasso cardíaco, erupções na pele e afins. E, enfim, ao se olhar para trás, é como se o único elo possível, nesse momento, fosse trazer de

90 ANDRADE, *A rosa do povo*, [Nosso tempo], p. 38.

91 “Assim como Proust inicia a história de sua vida com o despertar, toda a apresentação da história deve também começar com o despertar, no fundo, ela não deve tratar de outra coisa” (BENJAMIN, *Passagens*, [N 4, 3], p. 506). “A imagem dialética não copia simplesmente o sonho – jamais foi minha intenção afirmar isso. Mas me parece claro que ela contém as instâncias, as irrupções da vigília, e que é precisamente a partir desses *loci* que é criada sua figura, como a de uma constelação a partir dos pontos luminosos. Aqui também, portanto, um arco precisa ser retesado, e uma dialética forjada: aquela entre imagem e vigília” (ADORNO; BENJAMIN, *Correspondência*, p. 195).

92 “O coletivo expressa primeiramente suas condições de vida. Estas encontram no sonho a sua expressão e no despertar a sua interpretação” (BENJAMIN, *Passagens*, [K 2, 5], p. 437).

93 “Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão” (BENJAMIN, *Magia e técnica, arte e política*, [Sobre o conceito de história], p. 225).

volta à memória, à consciência da época, contextos análogos para saber não o que fazer, mas o que não fazer.

Talvez estejamos buscando mais um diagnóstico, uma cartografia de sintomas do tempo histórico e uma constelação de conceitos para lidar com sua interpretação. Seu principal elo é entre o passado do entreguerras, do contexto de limite, de debacle do esclarecimento, do capitalismo liberal, do humanismo, enfim, e o presente refluxo da globalização. E destes com a origem do modo de produção capitalista, seu pecado original, a acumulação primitiva. E quem sabe até com uma imagem do neolítico. É que o *estado civil* a cada dia tem mais do *estado de natureza*, do tal *estado de guerra* supostamente primitivo: “Ao vencedor, as batatas!”, nos lembra Machado de Assis com seu *Quincas Borba*. Essa imagem do neolítico, de um estado de natureza como estado de guerra que explicaria o modo de funcionamento da sociedade, como se o mais moderno fosse sempre algo de semelhante do mais arcaico⁹⁴, é, antes de um dado natural, uma imagem socialmente produzida.

Esse estado de coisas, por sua vez, ou diz de uma crise econômica, ou de uma crise social, revolucionária. É preciso saber relacionar um e outro, a necessidade econômica e a ação política. Mas não se trata, aqui, de pensar esse problema apenas ciclicamente, como se se tratasse do tempo natural, que sempre retorna, da acumulação de capital. Ela sempre retorna, mas não a mesma, é esse o paradoxo que nos fala Arantes: “uma economia-mundo capitalista, em expansão

94 “(...) o mais moderno é também o mais arcaico” (DEBORD, *A sociedade do espetáculo*, p. 20). A *Urgeschichte*, a *história primeva* pensada por Benjamin nas *Passagens* como fonte utópica se configurando, agora, como uma realidade distópica.

permanente desde o nascedouro, só se legitima perante uma combinação paradoxal entre o sempre igual da acumulação como fim em si mesmo e um horizonte igualmente ilimitado de expectativas⁹⁵. O capital funde o tempo cíclico e o tempo linear, expresso nas tradições pagãs e monotéistas, por isso a insistência em não separá-los. A grande questão é que existe um caráter irreversível, uma linearidade, nesse percurso da acumulação de capital, o desenvolvimento da produtividade (im)põe sempre um novo padrão de rentabilidade, que nunca pode permanecer o mesmo. Por isso é preciso trazer de volta não o problema da “crise revolucionária”, porque essa parece dizer pouco no mundo de hoje, e sim a crise interna da acumulação, a decomposição e a manutenção dessa decomposição em curso como seu produto, ou mesmo seu resto.

Estamos caindo em uma *escatologia*, porque parece não existir tempo mais barroco do que este no qual estamos vivendo. No entanto, essa é uma questão também não resolvida, porque não é bem certo que no barroco haja *escatologia*, e sim *catástrofe*⁹⁶. O barroco traduz o problema histórico como natural; a catástrofe é o caminhar de todas as coisas para o seu fim imanente, haja visto serem naturais, limitadas – findem, acabem, pereçam, morram; não haveria *escatologia* no barroco porque *escatologia* é história, a

95 ARANTES, *O novo tempo do mundo*, p. 48.

96 BENJAMIN, Walter. *Origem do drama trágico alemão*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004. Trouxemos o barroco, sobretudo, devido à sua indiscernibilidade entre natureza e história, assim como ao seu descompasso entre forma e conteúdo; enxergamos uma relação sua com o filme *O sétimo selo*, de Ingmar Bergman, que no segundo pós-guerra tematiza a experiência traumática de seu passado recente, o “entreguerras”, de maneira oblíqua, enviesada, retomando o período decadente do fim da “idade média”. Esse entrecruzamento de uma experiência barroca da história e “sétimo selo” parece ser crucial para a construção, montagem, da constelação regressiva da história experimentada no século XXI.

natureza mesma sempre se renovaria, a história não. Mas o barroco parece ser, como o próprio capital definido anteriormente, marcado por essa ambiguidade entre catástrofe natural e escatologia histórica. Retomando, o capital encontrou seu limite interno e externo e não há como retroceder. E, no entanto, retrocedemos. E, no entanto, vai ser novamente o estado de segurança da propriedade a pedra de toque. Mas isso tem também muito de fantasmagoria, de medo, porque o paraíso está às mãos, e ao mesmo tempo é intocável. Existe um *drone* à espreita.

Estamos lidando com o problema da *decadência*. Seu significado teológico, psicológico, econômico, social, histórico. É endógeno o problema, trata-se de entropia. É preciso saber reconhecer as várias figuras da queda. Estamos diante do regresso, de um retorno que não é um retorno ao passado, ou algo do gênero. Estamos falando do refluxo do progresso, de seu caráter afirmativo. É uma espécie de retorno da *natureza* na história, do *mito* na história, como diria Benjamin⁹⁷, é o retorno do arcaico, do recalçado, mas não da luta social como o recalçado da suposta harmonia do mercado, e sim o recalçado da própria forma social de vida em crise, cobrando seus sacrifícios. Marx diz que a desvalorização do mundo humano cresce na razão direta da valorização do mundo das coisas⁹⁸. É nesse sentido. Há um *progresso* no domínio da natureza, ele mesmo questionável. Há um *regresso* no mundo

97 "O capitalismo foi um fenômeno natural com o qual um novo sono, repleto de sonhos, recaiu sobre a Europa e, com ele, uma reativação das forças míticas" (BENJAMIN, *Passagens*, [K 1a, 8], p. 436.)

98 "O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais mercadoria produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. Com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens" (MARX, *Manuscritos econômico-filosóficos*, [Trabalho estranhado e propriedade privada], p. 80).

social. O crescente domínio da natureza não resulta em uma crescente libertação social, mas em um crescente domínio. É preciso dimensionar isso nas *condições de desintegração atuais*⁹⁹. Da redução vertiginosa dos postos de trabalho, da perda da regulação da força de trabalho pelo direito, de um recrudescimento do moralismo, dos fanatismos e da violência estatal, mas também da violência social. Em que ponto se encontra, a quantas mil milhas da Terra se encontra o empobrecimento da experiência, a virtualização. Tudo isso implica. Tudo isso precisa levar em consideração qual é o caráter específico da dominação capitalista, de seu fetichismo. São relações sobre as quais não temos controle coletivo e consciente, como uma pulsão social. Essa pulsão social tem sua raiz no terreno da economia, e se não realizada, cobra seu preço. É o sacrifício. Essa lógica do sacrifício já não é proveniente da escassez, mas do excesso, sobretudo do próprio arcaísmo das relações capitalistas, baseadas no valor da mercadoria como mediação social, no direito como instância de regulação dessas relações, na cultura como uma tentativa, mediante a imagem, de unificar indivíduos atomizados. É a não superação desse arcaísmo que nos impõe um regresso. E é o problema das mediações sociais, coletivas, que precisa ser respondido para se poder fazer frente à desintegração em curso.

99 "(...) a velha distância entre as metrópoles e a periferia também se mantém nas condições de crise da globalização; agora, já não sob a forma da distância no grau do desenvolvimento capitalista, mas como a distância no grau da decomposição social" (KURZ, *Poder mundial e dinheiro mundial*, [Imperialismo de crise], p. 41).

4.7 UN POQUITO MÁS ABAJO

Trazendo a realidade brasileira, o problema é a pulsão econômica. A economia capitalista é uma pulsão social, uma *pulsão de segunda natureza*. Fica difícil retomar toda nossa trajetória, mas como o mal do filósofo é tentar, a partir de um princípio, dar conta do *real*, então vamos seguir adiante. A filosofia é, no fundo, uma grande paranoia, uma “noia” – como diriam os gregos, uma *noesis* – que é mais real do que a própria realidade empírica, sensorial; mas não há que se condená-la assim tão rápido, a vida social é ela mesma fundada em uma grande “noia” que *substitui* (*Ersatz*) e imprime aquilo que é real¹⁰⁰.

A realidade econômica brasileira é marcada pelo milagre; isso nos diz Paulo Arantes retomando Sérgio Buarque de Holanda¹⁰¹. O milagre da cana, o milagre do ouro, o milagre do café com leite; o charque e a borracha foram santos até certo ponto menores, mas também operaram seus milagres. Até que surge Getúlio Vargas: indústria de base e regulamentação da força de trabalho; petróleo, siderurgia, IBGE – quem iniciou a construção das ferrovias foi o Barão de Mauá, ainda no *café com leite*, na República Velha. O minério foi logo estatizado na Vale do Rio Doce, a mesma do desastre ambiental em Mariana, no final de 2015 – a terrível

100 A *noesis* grega, como a *anschauung* alemã, intuindo – quem sabe até expressando, fazendo equivaler forma social e forma de pensamento – o caráter concretamente invertido da *abstração real*, essa encarnação terrível do verbo (nem apenas material, nem meramente ideal) no dinheiro, a *metafísica secular* da modernidade. Não custa lembrar a primeira frase de Adorno na *Introdução* do seu livro *Dialética negativa*: “A filosofia, que um dia pareceu ultrapassada, mantém-se viva porque se perdeu o instante de sua realização”.

101 ARANTES, *Zero à esquerda*, [A fratura brasileira do mundo], p. 26.

virada de ano que não terminou. O petróleo foi logo estatizado na Petrobras. O primeiro foi descoberto em Minas, o segundo em Salvador. Desenvolve-se o setor imobiliário, naval, e assim em diante. Uma série de estrangeiros, muitos deles imigrando devido a problemas, mesmo guerras civis, em seus países, são empreendedores decisivos nesse momento – se se importa trabalhadores italianos, também se recebe seus empreendedores, como Francesco Matarazzo, como nos EUA se recebeu de presente o *cavalo de Troia* da máfia italiana, talvez nada comparada à máfia sulista nativa, a texana, os *compadres*¹⁰².

É importante lembrar que Getúlio vem do militarismo sulista, que a República, sua ordem e progresso, seu cientificismo, vem do militarismo – o sul precisaria de uma nota só para ele (como também o nordeste) desde os Farroupilhas, passando por Getúlio, por Leonel Brizola até Sérgio Moro, jurista da *operação* (de guerra) *Lava Jato*. Esse militarismo nacionalista encontra sua origem na guerra contra o Paraguai (1864-1870), e contra Canudos (1896-1897), o povo sertanejo aquartelado com a cruz e a espada. Hoje sua força moral vem das ações “humanitárias” no Haiti, no sertão, afinal, como nos lembra Arantes, a guerra é cosmopolita e humanitária.

Retomando, com algum industrialismo vem os *cinquenta anos em cinco* de Juscelino Kubitschek, vem as *reformas de base* de João Goulart. Vem o golpe militar: *segunda revolução industrial com base no terror; anos de chumbo e milagre econômico*. Nos anos oitenta (1980), surgem as greves do ABC paulista, o petismo como “terceira via” ao trabalhismo

102 ARANTES, *Extinção*, [A viagem redonda do capitalismo de acesso], p. 167.

do PDT e ao bolchevismo (ou stalinismo?) dos PCs. Fim do milagre, redemocratização conciliada, recessão, inflação devido à dívida externa que alimentou o milagre da segunda revolução industrial brasileira. Depois os setores intelectuais, os movimentos sociais fortalecidos com a redemocratização sonham, e este sonho chama-se *Constituição Cidadã*, de 1988. É uma espécie de retomada do projeto abortado, também repleto de uma constelação “progressista” da época do governo Goulart.

Mas o sonho encontrou logo seu *real*. A norma precisa de dinheiro para se efetivar, o sonho precisa pagar um preço desperto para se realizar. No terreno da economia tem início o neoliberalismo, as privatizações. Vem Collor, Itamar (estabilização da moeda tendo FHC como ministro das finanças), Fernando Henrique Cardoso (dando continuidade à *privataria*). Até que o *lulopetismo* vem à tona. Esse último também precisaria de um tópico só para ele.

Mas vamos retomar o problema da pulsão. Enquanto a pulsão econômica ia bem, tudo certo. Dá-se prosseguimento ao pacto – apesar do *mensalão* já no primeiro mandato. Assim como o golpe de 1964 seria tentado dez anos antes, dez anos depois, em 2015, viria o *petrolão* da *operação Lava Jato*, e dessa vez não havia como escapar. A pulsão já não ia tão bem, o pacto já não era mais tão forte. O argumento do segundo *impeachment* da história brasileira é proveniente do terreno econômico, emergência na economia, configurando um *estado de emergência econômico*¹⁰³. Tenta-se uma transição

103 PAULANI, Leda M. Capitalismo financeiro, estado de emergência econômico e hegemonia às avessas no Brasil. In: Francisco de Oliveira, Ruy Braga e Cibele Rizek (orgs). *Hegemonia às avessas: economia, política e cultura na era da servidão financeira*. São Paulo: Boitempo, 2010.

que dê conta do problema da pulsão, mas essa está a produzir seus sintomas: a autofagia dos poderes. Essa autofagia serve aos interesses externos, e não nacionais. E parece que não aprendemos com a história, ela se repete, mas em condições irreversíveis. A esquerda tenta responder nas ruas, mas permanece impotente.

Aqui entra uma questão decisiva, porque só agora chegamos ao aqui e ao agora, espaço e tempo: onde estamos, que horas são. Em Fortaleza chegou um fenômeno que há dez anos havia chegado em São Paulo; duas faces da violência. Uma, a estatal, os “crimes de maio” que deram origem ao movimento *Mães de Maio*. A outra, a do crime organizado, o PCC (Primeiro Comando da Capital) parou pelo medo São Paulo queimando ônibus, o que nos remete à comparação que faz Arantes entre a greve geral que parou a cidade de São Paulo nos anos dez do século XX e o PCC na primeira década do século XXI¹⁰⁴. Parece que houve uma migração do crime organizado depois da intervenção das UPPs (Unidade de Polícia Pacificadora) no Rio de Janeiro iniciada no ano de 2008, ou se trata apenas da modernização heterogênea e atrasada do crime, como a do próprio capital. De par com esse contexto, o encarceramento em massa, a mudança quantitativa do encarceramento parece ser o principal fator da mudança qualitativa da organização.

Vamos de encontro ao fato. No final de 2015, virada de ano terrível, início de um degrau mais abaixo na escada da barbárie, a PM (Polícia Militar) de Fortaleza vingou um policial morto assassinando onze jovens na Grande Messejana

104 ARANTES, *Extinção*, [Duas vezes pânico na cidade], p. 295.

– e como esse existe uma série de outros fatos, provenientes dos fascismos cotidianos, que merecem não serem esquecidos, que precisam ser tematizados: assassinatos de pessoas transgênero, indígenas, moradores de rua. Em abril de 2017, dezesseis ônibus foram incendiados em Fortaleza e a primeira associação feita foi de possível repúdio à não punição dos policiais envolvidos na chacina. Mas essa é uma leitura bastante equivocada, algo entre uma carência de leitura estratégica e certa cegueira ideológica, um velho problema que a esquerda ainda preserva de achar que a realidade histórica caminha a seu favor. A questão é que, em Fortaleza, desde 2014 os incêndios vêm se tornando prática recorrente para pressionar por demandas dos presidiários, sobretudo das facções.

Aqui entra um ponto muito importante. Ao menos desde os anos setenta (1970) não podemos ser mais tão ingênuos de não saber que o principal terrorismo é o de Estado. As *Brigadas Vermelhas* nos anos setenta na Itália eram terrorismo (o sequestro e assassinato de Aldo Moro), ainda que indireto, de Estado, a *Al Qaeda* e o *ISIS* são terrorismo (o 11 de setembro e os atentados na Inglaterra e na França), ainda que indiretos, de Estado, as ações do crime organizado são terrorismo indireto de Estado. Nesse sentido, até a *tática black bloc*, como o grupo alemão conhecido pelo nome *Baader-Meinhof* e tantos outros agrupamentos ou indivíduos que resolveram, a despeito de seus vínculos sociais, medir forças com o Estado, são terrorismo indireto de Estado. Mas é preciso ter mais cautela, um pouco mais de discernimento, porque à noite nem todas as vacas são pardas. Fica ao menos a necessidade de levantar o problema.

A questão principal é que, no fundo, a instabilidade e o medo só aumentam o esquema securitário. A economia pode até reclamar, mas o Estado se lambuza como porco na lama. Uma sincronia muito certa no dia dos incêndios de ônibus em Fortaleza o exército ter ido ao Shopping Benfica expor suas quinquilharias, sua nação, sua bandeira. E os boatos eram justamente: os militares precisam voltar ao poder. Isso se falava nas casas, nas paradas de ônibus, nas discussões. Certamente não se trata do velho golpe militar, mas de uma quimera atroz que está em curso – o poder não sendo tomado, mas concedido –, um amálgama, um *ornitorrinco de chifre e asas*; só a título de registro, o golpe parlamentar que levou Michel Temer a assumir a cadeira da presidência toma para si como lema a inscrição na bandeira nacional, proveniente do positivismo militarista: ordem e progresso. Apesar dos contratempos, os liberais se comprazem em seus negócios.

Como medir então o termômetro do terrorismo indireto de Estado? Impotência social e produção do medo. Mas não apenas. É que existem pessoas e movimentos sinceros, mas que acabam contribuindo indiretamente com a causa do poder dominante. Mas voltemos para hoje. O *Estado Islâmico* corta cabeças e filma, faz atentados, um aprofundamento do que fez a *Al Qaeda* com o 11 de setembro, no entanto a um degrau mais abaixo, a um tom mais abaixo, pois quer retomar o califado pré-capitalista. Esse seu ato é midiático, espetacular, porque a guerra hoje não é só assimétrica, é unilateral. É caça *high tech*. Se antes uma guerra externa mobilizava uma emergência interna, basta nos lembrarmos de Napoleão Bonaparte no contexto da Revolução

Francesa, é como se hoje essa emergência interna se desse pela capacidade de invasão das fronteiras: os bárbaros batem à porta. Nem o centro está livre, sem risco, de se tornar alvo. Ainda assim os atentados são apenas impotência, a produção de uma imagem que será veiculada em massa. Essa imagem apresenta ao espectador aquilo que ele não quer ver, alimenta seu medo. Desse mesmo segredo aprenderam as facções criminosas, assim como nas barricadas contra a Copa do Mundo no Brasil se adotou métodos de defesa provenientes das barricadas na Praça Taksim, na Turquia. No final das contas, essa já é a prática diária do próprio jornalismo policial. É o medo talvez o principal problema, e não a violência em si mesma. Mas isso precisa ser situado dentro da segregação socioespacial: são duas cidades.

O terrorismo indireto de Estado como o jornalismo policial formam ambos um panorama cultural mais alargado que poderíamos chamar de uma modelagem catastrófica da percepção; essa é a sua face que tem de fundo uma concepção policial da história, baseada naquilo em que se fundamenta todo Estado: o medo – não custa lembrar que no *Leviatã* de Thomas Hobbes o medo pode ser compreendido como fator instaurador e mantenedor do poder soberano. Assim sendo, toda medição de força é, antes, um ponto para o próprio adversário, disso já sabem, talvez, os indígenas zapatistas, com seu Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN). A grande força estratégica para eles é defender seu território, sua autonomia, e não atacar¹⁰⁵. O ataque, para eles, precisa ser de outra natureza, esse o papel das *escuolitas*. A crítica

105 GENNARI, Emilio. *Chiapas: as comunidades zapatistas reescrevem a história*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2002.

das armas, nesse sentido, é autodefesa, e as armas da crítica precisam de novas munições – e de jeito. Vamos retomar a realidade brasileira para tratar desse ponto.

Diante da autofagia em curso, a *operação Lava Jato* parece ser como a guilhotina no *período do Terror* na Revolução Francesa, guilhotina esta que vai se autonomizando até cortar a cabeça dos cortadores, vai caminhando para uma restauração, isso até o cenário político ter cumprido a sua agenda de aprofundar a privatização e a desregulamentação trabalhista e previdenciária (ainda tem a reforma partidária e fiscal; na verdade, tudo isso está no bolo do ajuste fiscal). Que setor pode fazer isso? Juntaram-se o poder judiciário soberano, com ares de correção moral do velho problema da corrupção, a mídia sempre golpista e contrainformativa, uma costura política com maioria no congresso nacional, todos eles atendendo à demanda de uma reestruturação da rentabilidade econômico-financeira por essas terras. Será feita a reestruturação, porque aqui não é uma Síria, aqui o território nacional não será seccionado pela guerra civil aberta, com intervenção externa, ainda que estejamos, sim, diante de uma guerra civil. Aqui será, como sempre foi, conciliado, ou apenas restaurado. Os setores que foram atacados eram os pilares da economia política do *período lulopetista*: petróleo, construção civil, carne. Vencidas as duas denúncias vindas do setor da carne contra Temer, é apenas uma questão de negociação e disputa pelas eleições de 2018 que irá acelerar ou retardar esse processo.

Quem pode barrar isso? Essa é uma questão de força social, e não apenas de vontade, ou de coerência. Do lado da esquerda, um dos setores que mais fez trabalho de base foi

talvez o MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto), ao menos no sentido de ir tentar medir força nessa conjuntura; mas nem de longe a esquerda se compara ao trabalho de base da bancada evangélica, por exemplo, das neopentecostais com sua teologia da prosperidade. Os autônomos e anarquistas ficarão incontáveis rodadas sem jogar. Essa impotência tem sua origem recente no contexto em que os movimentos sociais foram ao poder com o Partido dos Trabalhadores (PT), pois foi ruindo a sua força moral, foi ruindo também o campo da esquerda presente na Igreja Católica, a teologia da libertação. O Papa Francisco chegou bem atrasado na conjuntura global¹⁰⁶. As igrejas neopentecostais têm força mundial, monetária e midiática; no Brasil é a segunda maior concessão televisiva. É um setor que tem feito pedagogia com suas novelas sobre o *antigo testamento*. O imaginário popular está impregnado disso¹⁰⁷. Parece impossível fazer jus, hoje, àquilo que Marx dizia: “a crítica da religião é o pressuposto de toda a crítica”¹⁰⁸. Parece ser preciso trazer o elemento teológico para dentro do político, e se assim o for Benjamin

106 Se tomarmos o apontamento de Giorgio Agamben sobre a renúncia do Papa Bento XVI, levando em consideração, sobretudo, a licença poética de Oswald de Andrade, que em seu *Manifesto Antropófago* redefine a data de nascimento da história brasileira a partir do dia da deglutição de um bispo pelos povos nativos, poderemos dizer, quem sabe, que estamos no 5º ano pós-apocalíptico. Mas não se trata apenas de uma perda de legitimidade da legalidade vigente, e sim que o mundo da produção de mercadorias acabou – não produz mais sentido algum, a não ser seu nihilismo autofágico – e, no entanto, continua-se.

107 Poderíamos enxergar em Edir Macedo e na Igreja Universal um trabalho de base do mal maior do que qualquer fascismo histórico; a bem dizer, um dos cavaleiros do apocalipse. Seu principal feito recente chama-se Templo de Salomão. A imagem do período áureo do povo hebreu retomada como símbolo num período decadente. Ao fundo ainda se pode ouvir a voz dos profetas reclamando o distanciamento de Deus por seu povo – que não é mais que seu vínculo amoroso entre si –, enquanto o embuste de Salomão se regozija no poder terreno, bem diferente do Ecclesiastes. Não seria inoportuno relacionar os “gladiadores do altar” da Igreja Universal com os “guardiões do Estado”, uma das facções criminosas em Fortaleza, e seu lugar no banquete apocalíptico, tendo em vista a diferença entre escolhido e eleito.

108 MARX, *Crítica da filosofia do direito de Hegel*, [Introdução], p. 145.

estava parcialmente certo¹⁰⁹. Apenas o discurso de crítica da economia política já foi isolado como patologia de esquerda, intelectual; não tem força moral, não tem base social.

Como a teologia pode se relacionar com a política de modo não reacionário? Na arte. Sobretudo no teatro. Sobretudo com o recurso alegórico do barroco. Essa é uma ferramenta-antídoto para as armas da crítica tentarem de alguma maneira atuar do ponto de vista subjetivo. A crítica das armas é algo tão abissal que se torna até difícil pensar sobre. Mas o certo é, e aqui entra toda forma de paganismo, toda forma do sagrado natural, a força social emancipatória não pode ser como o espírito, a vanguarda, o descobrimento da pólvora e guia das massas. Trata-se, hoje, de reunir as potências singulares, como se fossem forças da natureza¹¹⁰, com suas qualidades específicas e limitações, mas são forças sociais, culturais, históricas. É preciso reunir as nações, não no sentido moderno, nem antigo, mas no sentido de reunir as potências que tenham conseguido se gestar nesse percurso: o circo, o teatro; a permacultura, a agroecologia; o pensamento aberto; o misticismo plural e lícido; os movimentos sociais; e assim em diante, como na dança da guerra, o *Maculélé*, do Maracatu Solar¹¹¹.

109 "(...) O fantoche chamado 'materialismo histórico' ganhará sempre. Ele pode enfrentar qualquer desafio, desde que tome a seu serviço a teologia" (BENJAMIN, *Magia e técnica, arte e política*, [Sobre o conceito de história], p. 222).

110 "Hegel fixa e expõe unicamente as diferenças mais salientes das diversas religiões, filosofias, épocas e povos, e fá-lo apenas numa progressão ascendente; o comum, o igual é inteiramente relegado para segundo plano. A própria forma da sua intuição e método é apenas o tempo exclusivista, e não simultaneamente o espaço tolerante; o seu sistema só conhece subordinação e sucessão, mas desconhece coordenação e coexistência. (...) A natureza liga sempre a tendência monárquica do tempo com o liberalismo do espaço" (FEUERBACH, *Filosofia da sensibilidade*, [Para a crítica da filosofia de Hegel], p. 44).

111 "No bater do tantã/ Xapanã sai das trevas/ São os filhos da terra/ É a dança da guerra/ Maculélé/ No jogo do teu Ifá/ As linhas do teu axé/ Nas loas de Oxalá/ Renasce Obaluaê (...)". Disponível em: <https://www.cifraclub.com.br/maracatu-solar/maculele/>. Acesso em: 24 fev. 2021.

4.8 GOLPE E 18 BRUMÁRIO

O paradoxo constitutivo do *18 Brumário*: a ordem burguesa suspende a Constituição para garantir as leis do mercado, os proletários passam a defender a própria Constituição, o próprio *Estado de direito*, diante do *Estado de exceção*, que costuma ser o poder militar soberano. Isso vai se repetindo no tempo, ora como tragédia, ora como farsa. Qual a outra tática que não a defesa do *Estado de direito*? É esse ainda o dilema atual. O dispositivo do *Estado de sítio* está já na Constituição francesa da Revolução de 1789. Mas o ano de 1848 é bem mais emblemático porque entram em jogo as lutas proletárias. E é com relação a elas que é preciso retirar algumas lições.

A luta por reformas torna-se reformista quando passa de meio a fim, torna-se um fim em si mesmo. É preciso ver melhor esse ponto, sobretudo diante do atual desmonte, das atuais contrarreformas, pois nem mesmo essas se consegue barrar. A luta revolucionária, armada e pela tomada do poder, por sua vez, é, como diz Lênin, antes um desbaratamento da máquina estatal burguesa. O proletariado toma para si as funções separadas do poder executivo e legislativo, e mesmo judiciário, toma para si o próprio monopólio da violência, essa a espinha dorsal do conceito de Estado. O próprio Lênin irá oscilar entre uma relação com a reforma, a participação no parlamento (polêmica com a doença infantil do esquerdismo), e a concepção revolucionária da destruição da máquina estatal burguesa¹¹², a base para sua compreensão da tomada do poder.

112 "O curso dos acontecimentos obriga, assim, a revolução a 'concentrar todas as forças de destruição' contra o poder do Estado; impõe-lhe, não o melhoramento da máquina governamental, mas a tarefa de demoli-la, de destruí-la" (LÊNIN, *O Estado e a Revolução*, p. 39).

O problema da luta revolucionária, o problema da tal *ditadura do proletariado* é que ela se insere no terreno da exceção. Como diz Benjamin, o “verdadeiro estado de exceção”¹¹³. Mas nesse terreno o sistema de Estados é o verdadeiro mestre. Apenas reproduzindo a sua *violência mítica*¹¹⁴ é que se tornou possível a manutenção das revoluções “vitoriosas”, do “socialismo real”, como na URSS – essa história de utópico, científico e real às vezes é tão tacanha. Outro problema é, por exemplo, a questão sindical. Se em um primeiro momento há o predomínio do anarcossindicalismo, logo em seguida ao processo de regulamentação da força de trabalho nas *leis trabalhistas* entra em cena os sindicatos para a negociação, que caminham para a sua institucionalização, para tornarem-se Estado. Alimenta um autoengano quem considera que a atual precarização das relações de trabalho, como se estivéssemos de volta ao século XIX, fará retornar o anarcossindicalismo, ou que esse terá algum poder diante da conjuntura, como não o tem o próprio sindicalismo institucional.

Então retornamos ao paradoxo. O sindicalismo passa a cortar a radicalidade e a autonomia do proletariado em suas lutas, tentando “salvar” as negociações. São esses os “corretores da força de trabalho, a ser vendida como mercadoria pelo preço justo”¹¹⁵. Na outra ponta, em um processo de retirada dos direitos, em um processo de decomposição do *Estado social*, são esses mesmos sindicatos que são atacados e, assim, aparentemente a própria possibilidade de resistência. Fica-se num círculo vicioso. Nesse contexto, são os anarquis-

113 BENJAMIN, *Magia e técnica, arte e política*, [Sobre o conceito de história], p. 226.

114 BENJAMIN, *Escritos sobre mito e linguagem*, [Para uma crítica da violência], p. 121.

115 DEBORD, *A sociedade do espetáculo*, p. 65.

tas, dentre outros, os bodes expiatórios para a explicação da ascensão fascista, direitista, conservadora, ou o que seja. E assim a banda toca.

Mas o principal problema talvez seja anterior. É esse o sinal do *caráter regressivo* do nosso tempo. Se o futuro foi abolido, e o presente não nos diz mais respeito, porque é uma perpétua repetição, é o passado que se torna a única fonte de esperança. Não apenas a ordem do capital regride a algo de próximo a sua *desordem originária*, poder soberano absoluto e acumulação primitiva, mas a própria luta social só consegue buscar seus referenciais voltando ao passado, mesmo – ou, sobretudo – o de experiências pré-capitalistas. Isso está no conceito de história de Benjamin, sintomaticamente. É isso que nos permite compreender as *ecovilas*, o retorno à natureza, o fortalecimento das matrizes indígenas e africanas.

Um dos principais problemas anteriores aos do *estado de sítio* e das lutas proletárias chama-se: lutas camponesas. Aquelas contra as expropriações no contexto da acumulação primitiva. Aquelas que pelo nordeste brasileiro se expressaram em *Canudos* e no *Caldeirão* (da Santa Cruz do Deserto). Porque o “sujeito” aqui não é nem o proletariado, máscara de caráter do trabalho, ele mesmo produto das expropriações, ele mesmo produzido pelo capital. Sobretudo na escassez desse trabalho frente à automação, a questão que fica é até que ponto é o trabalhador, o proletariado, o tal do “sujeito” de uma transformação social profunda ainda possível.

4.9 ÚLTIMOS COMBATES

Quando Pablo Escobar ascendeu na Colômbia¹¹⁶, a geopolítica ainda estava marcada pelo conflito entre o bloco americano e o soviético. O inimigo ainda se chamava *comunismo*. Pablo ascende, sobretudo, a partir de uma revolução na distribuição da cocaína – ainda seria preciso escrever algo sobre o filme *O poderoso chefão*, as três versões, com os problemas de o “Padrinho” não abrir seu tráfico às drogas em ascensão (esse o motivo de ter sido fuzilado) até o momento da conquista por seu filho das ações de uma empresa legal multinacional cujo sócio majoritário era nada menos do que o Vaticano, e sua queda logo em seguida; sobre o seriado *Narcos*, como Pablo ascende com o tráfico da cocaína, o significado de sua trajetória, sobretudo a relação do *paraíso artificial* (Charles Baudelaire) da cocaína com o *realismo mágico* (García Márquez) e com a queda de Pablo; e, enfim, sobre o seriado *Breaking Bad*, como a metanfetamina supera ambos.

É Carlos Lehder o responsável pela revolução na distribuição. Com seu jato particular entrou nos EUA e aumentou a demanda, e assim o faturamento. Até conseguir comprar uma ilha no Caribe em que ele era rei. Todo o fenômeno ideológico da Colômbia dos anos oitenta (1980) está resumido na ambiguidade de Carlos Lehder, fã de Hitler e John Lennon; de Pablo Escobar, *paisa* cuja atividade econômica o levou ao ponto, por um momento, mais poderoso de seu tempo; e, enfim, da cocaína: o realismo mágico como o efeito fantasmagórico da cocaína, que intensifica a ação,

116 Limitamo-nos, aqui, ao seriado *Narcos*.

eleva a criatura aos céus, até devolver-lhe a melancolia do fim da *corrida do ouro*.

Mas não é esse o ponto. O ponto é que nesse contexto parece se desenvolver o último combate direto possível com as forças da ordem. Devido ao interesse secundário das forças de segurança americanas nos narcotraficantes, porque “traficante não quer pegar o que é seu e distribuir aos pobres”, diria um general anticomunista – o interesse veio apenas quando a balança comercial entre Colômbia e EUA ficou desfavorável devido ao mercado da cocaína –, estes dominaram a Colômbia, enfrentaram a polícia política americana, e ao mesmo tempo Pablo sustentou a própria briga interna entre os cartéis, antes e depois de ter sido cuspidor fora do parlamento e iniciado atentados terroristas – primeiro diante do sequestro da filha de um dos sócios do cartel por um agrupamento revolucionário, depois diante da votação acerca da extradição; é impressionante como a esquerda parece não ser mais nada diante dessa força, lembra mesmo a cena do melancólico filme *Era uma vez na América*: “você está sempre do lado perdedor”, diz um mafioso a um sindicalista revolucionário – sobre isso os zapatistas nos dão aula, mas é que eles estão travando uma luta a partir de um lugar relativamente exterior à modernidade.

Mesmo perdendo apoio popular devido aos atentados, Pablo ainda permanecia de pé. O fato social e material que o derrotou chama-se: milícia. Os filhos de fazendeiros que combatiam os guerrilheiros comunistas devido aos assassinatos de seus pais fizeram o *trabalho sujo* que nem o militarismo americano, muito menos o governo colombiano, mesmo

sob as ordens de um general disposto a fazê-lo, não fariam naquele contexto. Os milicianos recebiam as coordenadas da inteligência americana e atacavam. Diante da vingança do cartel de Cáli, e o assassinato dos seus outros sócios, diante de seu isolamento, foi a milícia que derrotou materialmente Escobar.

O enfrentamento aberto realizado por Pablo só foi possível, desse modo, por causa da velha geopolítica, da sua capacidade de monopolizar a cocaína e, assim, por um certo momento unificar os cartéis – a partir do inimigo comum da guerrilha, depois o governo colombiano –, da sua popularidade como “fodido” que ascendeu acima da cabeça dos reis. Só foi possível, enfim, porque naquele contexto as técnicas de controle e vigilância eram ainda incipientes para mapear todo o território periférico colombiano. E porque a cocaína faz um sicário “fodido” voar, com asas de Ícaro. O problema das facções criminosas no Brasil também não foge à lógica da economia política: domina-se a economia, domina-se a violência, e vice-versa.

Tal problema nos remete a algumas considerações sobre tática e estratégia. O movimento de contestação social em Oaxaca¹¹⁷, no México, em 2006, se iniciou pela greve de professores rurais (ver as escolas normais rurais, seu surgimento dentro da história mexicana recente; o assassinato dos seus estudantes quase mobilizou uma segunda Oaxaca em 2014), que foi duramente reprimida e, assim, fez mobilizar outros setores até a formação da APPO (Assembleia do Povos de Oaxaca); seu ponto comum foi a derrubada do gover-

117 Ver documentário *Un poquito de tanta verdad*.

nador e, nesse percurso, chegaram até a Cidade do México. Talvez seja Oaxaca o último combate, porque foram ofensivos; tomaram prédios públicos, tomaram rádios, passaram a autogerir-se economicamente, policialmente (ver as auto-defensas) e politicamente (nas assembleias); mas seu ponto mais forte, sem dúvida, foi a comunicação; como diriam os situacionistas, “onde houver comunicação não haverá Estado”¹¹⁸. A sua comunicação foi, sobretudo, por rádios ocupadas. Apenas quando o Estado atacou as rádios foi possível acertar o coração do movimento, dividiram para conquistar. Maio de 1968 na França¹¹⁹ tem essa mesma característica; a capacidade de comunicação, as ocupações e os conselhos são o seu melhor; os situacionistas se autocriticam por i) não terem atentado para o nome ainda institucional do comitê da Sorbonne e por ii) não terem levado aos conselhos de fábrica a decisão de tomar os meios de produção¹²⁰. No entanto, perderam porque apenas barricadas não dão conta de um exército, sobretudo quando o presidente é o general De Gaulle, herói nacional que segurou a investida da besta, a Alemanha nazista, Hitler, contra a França na Segunda Guerra.

Sobre exército, não esqueçamos novamente dos zapatistas. Jamais se propuseram a um confronto direto, mas, sobretudo, autodefesa. Talvez pudessem ter jogado um papel mais diretamente na defesa das rádios em Oaxaca. Mas isso seria chegar a um ponto de não retorno. Se viermos para os movimentos “antiglobalização”, ou às ocupações de praças pelo mundo em 2011 e 2013, teremos uma imensa dificul-

118 SITUACIONISTA, *Antologia*, [All the kings men], p. 139.

119 Ver documentário *El Espíritu de Mayo del 68*.

120 SITUACIONISTA, *Antologia*, [O começo duma época], p. 258

dade de sair do superficial, da circulação, apenas de um gesto que não tem *potência destituente* ou de autogestão; traz questões sobre violência, organização e comunicação, é bem certo, mas ainda lhe faltou muito.

4.10 ESTADO DE EMERGÊNCIA À BRASILEIRA

A unidade conciliada social-desenvolvimentista do Partido dos Trabalhadores (PT) ruiu. É preciso interpretá-la. De um lado, do ponto de vista interno: sua cooptação dos movimentos sociais e sindicais, seu programa de inclusão por transferência de renda, que acaba constituindo uma subjetividade consumidora e securitária, sua desmoralização que tem efeito ideológico em duas pontas, na defesa e na acusação. De outro lado, do ponto de vista externo: a crise veio do centro à periferia e fez suas exigências a esta, em estado de emergência econômico, desmantelando sua ordem interna. A economia política da conjuntura atual aponta, para nós, uma tentativa de desmonte do bloco BRICS.

A reviravolta brasileira data do fim das eleições de 2014. Não à toa no mesmo ano da restauração após os levantes de junho de 2013, conseguida com a morte de um cinegrafista e expressa na farsa que marca as repetições na história: não houve a menor possibilidade de resistência massificada diante da Copa do Mundo. Restauração, enfim, realizada sob o governo do PT. De 2015 a 2016 esteve em curso a disputa pelo *impeachment*, e o início dos cortes de gastos públicos e contrarreformas. Entramos em 2017 em

pleno curso da aprovação da PEC do teto dos gastos públicos, do desmonte trabalhista e previdenciário, tudo isso incluído no encaminhamento de um ajuste fiscal, marcado pela dívida pública própria ao rentismo financeiro. Cabe entender as articulações e dissidências de fundo. As votações no Congresso Nacional acontecem em regime de urgência, posto pelo executivo, sob a defesa do exército, por exemplo, após o *quebra-quebra* com a insatisfação dos policiais civis. O Rio de Janeiro tem sido o caso mais emblemático da crise, iniciada logo após o término das Olimpíadas de 2016.

Caberia unir a isso os dois *Brasis*, que nos fala Ariano Suassuna, de influência portuguesa, francesa e agora americana, e isso no interior da arcaico-moderna estrutura de *casa grande-senzala* (Gilberto Freyre) que marca nosso arcaico-moderno modelo de modernização, porque esse golpe parlamentar tem a ver com o *novo imperialismo* (David Harvey) americano, ou *imperialismo de crise* (Robert Kurz), com o poder mundial que sustenta o dinheiro mundial à americana. Assim como o resgate dos anos setenta (1970), ou *anos de chumbo*, nos aponta a Operação Condor e o Operativo Gládio como estratégias geopolíticas americanas no Brasil e na Itália, respectivamente, assim também poderemos fazer a relação deste golpe parlamentar com o modelo de golpe realizado em Honduras (2009) e no Paraguai (2012), como algo de próximo ao que Guy Debord denominou *espetacular integrado* em seus *Comentários sobre a sociedade do espetáculo*, uma conciliação entre o modelo liberal americanizado e a burocracia policial totalitária, uma *normal-excepcionalidade* (Giorgio Agamben).

Esse um caminho possível para um *18 Brumário* à brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“As profecias,
todas elas, anunciam
o fim do mundo.
Já não é dor bastante
o fim da tarde?”.*

(RENATO PESSOA, Solidão singular).

Há algo de utópico ainda latente na arte. Um rapper-poeta-palhaço com sua caixa de som atravessando paradas de ônibus e praças de alimentação é uma voz clamando no deserto – do real. Uma nova arte, como uma nova linguagem, exigem, ainda, uma nova vida: tudo aquilo que se afasta de uma mudança na vida quotidiana permanece como uma não mudança. Ao mesmo tempo, quando uma atitude aparentemente conservadora, a de preservar sementes crioulas, se apresenta como uma ação revolucionária, então algo mudou nesse mundo que até aqui enxergava no novo a sua fonte utópica primordial.

Há todo um urbanismo centrado nas coisas-mercadorias, que sustenta separações funcionais e luminárias brilhosas, a ser modificado; a teia de aranha que ata trabalhador-salário-consumo (composição privilegiada, por sinal) ia ser parcialmente quebrada se em cada bairro houvesse uma pequena horta compartilhada, quem sabe até agroflorestas – a paisagem de asfalto e concreto veria, assim, brotar mais do que uma lânguida flor amarelada. Mas nada como a apropriação comum dos meios de produção e vida, comunicação e transporte, res-

significados – a partir do critério do puro meio¹²¹ – por outras relações. Há todo um tempo mecânico, abstrato, quantitativo e linear (aquele do relógio) a ser qualificado por acontecimentos e encontros. Há todo um sistema etnocêntrico, patriarcal e especista a ser destituído. Há todo um adoecimento psíquico a ser diluído pelo cuidado. Uma poetisa, profetisa ou filósofa menor precisaria interpretar e mobilizar esses sinais – a bem dizer, tivemos apenas uma aliada mulher no texto inteiro, para ficarmos apenas no gênero, e ainda de modo binário.

É ainda certo que as circunstâncias formam o que somos, como diz Marx em suas teses sobre Feuerbach; mas parece que não basta mudar a circunstância exterior, porque há uma dimensão interior que nenhuma circunstância exterior realiza, mecanicamente. E o patrão, como “sujeito” particular, assemelha-se a um feiticeiro que perdeu o controle sobre o feitiço que invocou – Marx diz isso no *Manifesto do Partido Comunista* –, um pacto com o Mefistófeles maldito de fazer dinheiro virar mais dinheiro. Se dinheiro é tempo de trabalho, então o valor é algo quase sem valor com a capacidade produtiva atual, inclusive com a quarta revolução industrial em curso o trabalho se torna reduzido a um mínimo para a produção. O próprio sistema com seu desenvolvimento tecnológico impõe essa redução, mas como é preciso trabalho-dinheiro para ser gente, ou cidadão, então ou o “sujeito” trabalha mais, bem mais, para manter algum valor, ou o “sujeito” trabalha mais, bem mais, para sobreviver informalmente, ou fica entregue à mera vida matável. Não

121 A técnica sendo revista como o próprio poder: “(...) esta pergunta necessita para sua decisão de um critério mais preciso, de uma diferenciação na esfera dos próprios meios, sem consideração pelos fins aos quais servem” (BENJAMIN, *Escritos sobre mito e linguagem*, [Para uma crítica da violência], p. 123).

precisamos mais de sacrifício, mas o sistema do “tempo de trabalho” ainda quer mais sacrifício.

Um conceito possível de um “novo tempo do mundo” que não seja uma mera distopia do progresso seria algo de próximo de um humanismo da natureza e naturalismo do “homem”. O que significaria um (re)encontro não reificado – não colonizador, não mercadológico, não dominador – entre o mais antigo e o mais moderno. Esse é um aspecto central da noção de comum, que é a reconciliação de uma história marcada pela dominação da natureza e social, um reencontro socioambiental, o fim das separações. Existe algo de quântico, e não meramente mecânico, nessa mudança. Onde podemos enxergar algo nesse sentido? Na *agricultura sintrópica* – proposta por Ernst Götsch – e no *tao da física* – articulação de Fritjof Capra entre a sabedoria milenar chinesa e a física contemporânea. Em contrapartida, fenômenos como Inteligência Artificial e Robótica, frutos do paradigma científico puro sangue, podem ser vistos como fenômenos não redentores, pois expressam o ponto culminante da alienação, a subjetivação da coisa que se tornou visível. Se está certo que chegamos naquilo que se costuma chamar de casa do sem jeito, bom seria que as palavras sobre o *ponto de mutação* no *I Ching* fossem não apenas belas, mas também verdadeiras:

Ao término de um período de decadência sobrevém o ponto de mutação. A luz poderosa que fora banida ressurge. Há movimento, mas este não é gerado pela força... O movimento é natural, surge espontaneamente. Por esta razão, a transformação do antigo torna-se fácil. O velho é descartado e o novo é introduzido. Ambas as medidas se harmonizam com o tempo, não resultando daí, portanto, nenhum dano.¹²²

122 CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Cultrix, 2011.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

AGAMBEN, Giorgio. *Meios sem fim: notas sobre política*. Trad. Davi Pessoa Carneiro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

ARANTES, Paulo. *Extinção*. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. *O novo tempo do mundo: e outros estudos sobre a era da emergência*. São Paulo: Boitempo, 2014.

_____. *Zero à esquerda*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Sol, 2006.

_____. *Quincas Borba*. São Paulo: Clube do Livro, 1980.

BAKUNIN, Mikhail. *Escritos contra Marx*. Trad. Plínio Augusto Coelho. [São Paulo]: [s.n], [2000?]. Disponível em: <<http://www.anarquista.net/wp-content/uploads/2013/08/Escritos-contra-Marx-Mikhail-Bakunin.pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2021.

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Trad. Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre: L&PM, 2013.

_____. *Ensaio reunidos: escritos sobre Goethe*. Trad. Mônica Krausz Bornebusch, Irene Aron e Sidney Camargo. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2009.

_____. *Escritos sobre mito e linguagem*. Trad. Susana Kampff e Ernani Chaves. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2011.

_____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.

_____. *Origem do drama trágico alemão*. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

_____. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

CHAMAYOU, Grégoire. *Teoria do drone*. Trad. Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FEUERBACH, Ludwig. Para a crítica da filosofia de Hegel. In: _____. *Filosofia da sensibilidade*. Trad. port. Adriana Veríssimo Serão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2005.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____. *O novo imperialismo*. Trad. Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

HEGEL, G. W. F. Introdução à História da Filosofia. In: _____. *Coleção Os Pensadores*. Trad. Henrique Cláudio de Lima Vaz. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

JAPPE, Anselm. *As aventuras da mercadoria: para uma nova crítica do valor*. Lisboa: Antígona, 2006.

KURZ, Robert. *Com todo vapor ao colapso*. Juiz de Fora: Editora UFJF/Pazulin, 2004.

LAUTRÉAMONT, Conde de. *Os cantos de Maldoror: poesias; cartas; obra completa*. Trad. Claudio Willer. São Paulo: Iluminuras, 2005.

LÊNIN, V. I. *O Estado e a Revolução*. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.

MARCOS, Subcomandante Insurgente. *Nem o centro e nem a periferia: sobre cores, calendários e geografias*. Tradução brasileira de Coletivo Protopia e Danilo Ornelas Ribeiro. Porto Alegre: Deriva, 2008.

MARCUSE, Herbert. *O homem unidimensional: estudos sobre a ideologia da sociedade industrial avançada*. Trad. Robespierre de Oliveira, Deborah Cristina Antunes e Rafael Cordeiro Silva. São Paulo: EDIPRO, 2015.

MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. Trad. Rubens Enderle e Leonardo de Deus. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2010.

_____. *O capital: crítica da economia política*. Trad. Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. *O capital: crítica da economia política*. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. O 18 Brumário de Luís Bonaparte. In: _____. *A revolução antes da revolução*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____. Para a crítica da economia política. In: _____. *Coleção Os Economistas*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

_____. *Sobre a questão judaica*. São Paulo: Boitempo, 2010.

SANGUINETTI, Gianfranco. *Do terrorismo e do Estado*. São Paulo: Projeto Periferia, 2003. Trad. João Neves e Joaquim Clemente. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/terrorismoestado.pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2021.

SITUACIONISTA, Internacional. *Antologia*. Trad. Júlio Henriques. Lisboa: Antígona, 1997.

_____. *Dinheiro sem valor: linhas gerais para uma transformação da crítica da economia política*. Lisboa: Antígona, 2012.

_____. *O colapso da modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial*. Trad. Karen Elsabe Barbosa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Os últimos combates*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

_____. *Poder mundial e dinheiro mundial: crônicas do capitalismo em declínio*. Trad. Boaventura Antunes, Lumir Nahodil e André Villar Gomez. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015.

_____. *Razão sangrenta: ensaios sobre a crítica emancipatória da modernidade capitalista e seus valores ocidentais*. Trad. Fernando R. de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2010.

ŽIŽEK, Slavoj. *O mais sublime dos histéricos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

APÊNDICE

Após a Corrida do Ouro

Há exploração por todo lado. Opressões, mandos, hierarquias. Cegueiras coletivas. Rastros de violência que se alastram sem a menor chance de redenção, apenas vingança. Revide.

Os punks estavam certos já nos anos setenta: *no future*. Não há futuro. Sentiram, ao desertarem, como nenhum outro setor da época a decadência geral que se avizinhava.

Thomas Hobbes está prestes a tornar-se o maior pensador de todos os tempos, e isso pela negativa: a origem do Estado é, antes, seu fim – homem homem do homem. A barbárie *high tech* do terceiro milênio. Boom! dos drones inseticidas de gente. Disseram que vão reeditar o filme do segundo maior pensador brasileiro (seja lá o que isso queira dizer): ao vencedor as batatas – transgênicas e intoxicadas.

No ar o cheiro de sangue coagulado, podre. Carniça pros urubus do poder.

É como se depois de Serra Pelada não houvesse mais o que ser feito. Um bar, cachaça, alguma fumaça e aquele silêncio olhando pro nada do formigueiro de gente, nada da serra comida mais da metade. Menos da metade do que um dia se chamou de alma nos olhos de quem, enxergando, já nem consegue mais ver. Se visse ficaria cego, viraria ele mesmo: pedra.

Procura-se ouro e minério no interior do país.

A alma do ouro e do minério manuseada em número.

É como se, ainda sentados, víssemos a imagem do fim do mundo nos olhos de quem acabou de voltar do trabalho.

É como se depois de Serra Pelada não fosse mais possível ter olhos, porque é preciso ver alguma coisa.

Mas aí veio Carajás, Carandiru.

Crimes de maio em São Paulo, de novembro na Messejana.

Veio Belo Monte, Mariana.

Nunca se sabe ao certo onde fica o fundo.

Os punks nos anos setenta ainda eram uns putos de uns otimistas. O fim seria a redenção. O fim seria o: fim. Fim.

Já não podemos ser mais tão otimistas.

Por isso a palavra tem tato, como queriam os dadaístas, por isso a palavra tem que dar um tapa na face do mundo, que jamais oferece a outra.

Por isso o cinema precisa ficar mudo de novo, pra que se possa ouvir o gesto.

Por isso a Nise tava certa: “Cale a boca! Cale a boca! Só pare e observe um pouco”. É preciso ouvir o gesto daquela criança calada, daquele doido que há uns dez anos amanece dando giros em volta de si mesmo, tentando ser ao mesmo tempo sol e planeta, estrela e lua, constelação e galáxia.

Apenas cale por um momento a boca.

Porque quase ninguém viu uma fagulha de esperança se acordar enquanto a chuva caía e pedia pra que se respeitasse um pouco o tempo de ficar quieto. Porque simplesmente não há tempo de ouvir apelo nenhum se não puder ficar um momento quieto e calado.

Só um momento. Porque depois vai ser preciso falar. Porque depois vai ser preciso acertar o alvo bem no centro, e à longa distância.

O sentimento do mundo.

Mãos e olhos dispersos diante da fúria implacável do mundo. Da fúria incansável do mundo.

Ontem reprisaram Carlitos, mas quase ninguém teve tempo de ver.

Ontem contaram histórias que há muito não se ouvia, certas histórias que ainda precisam ser contadas, que ainda não se perderam, mas quase ninguém parou para ouvir. Mudo pras entrelinhas do mundo.

O poeta falou na língua de sinais alguns de seus versos antes de o mundo acabar às 7:45, e só aquela criança entendeu. Guardou consigo um novelo de esperança da mão falante do poeta.

Mãe de sonhos o poeta. Estão grávidos, gestam seres ainda não vistos, inventam flores, novos astros e odores na língua. Até tombarem diante da fúria do mundo.

Spartacus disse que precisava aprender com o poeta. Rimbaud não entendeu que a mão na enxada faz o mesmo que a mão na pena, não conheceu Patativa.

São decassílabos o roçado de milho e feijão. São cantigas de amor e amigo a leira de macaxeira e batata. São metáforas os pés de tomate e maracujá. Rimam à distância com os cachos de banana. E vão-se compondo poemas de frutas, flores e insetos. Aí veio a agricultura sintrópica e fez o mesmo que Rimbaud com a linguagem.

